

## Complementos verbais diretos e dativos

Rerisson Cavalcante  
Cristina Figueiredo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAVALCANTE, R., and FIGUEIREDO, C. Complementos verbais diretos e dativos. In LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 90-137. ISBN 978-85-2320-888-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## COMPLEMENTOS VERBAIS DIRETOS E DATIVOS

Rerisson CAVALCANTE  
(USP<sup>1</sup> - FAPESP)  
Cristina FIGUEIREDO  
(UNIME - UFBA<sup>2</sup>)

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto analisa a realização dos complementos verbais em atas escritas por africanos alforriados, no Brasil oitocentista, no período de 1832 a 1842, com o objetivo de fornecer dados para uma melhor compreensão da formação da variedade brasileira da língua portuguesa.

A realização do objeto direto é, ao lado do preenchimento do sujeito, um dos fenômenos que mais claramente diferenciam o português brasileiro do europeu, tendo merecido bastante atenção na literatura (cf. DUARTE, 1986; GALVES, 1989; CYRINO, 1997; FIGUEIREDO, 2004; entre outros). A investigação comparativa da realização dos objetos indiretos (dativos), por outro lado, apenas mais recentemente tem despertado maior interesse dos pesquisadores (cf. TORRES MORAIS & BERLINCK, 2006, 2007). Antes de apontar as mudanças que ocorreram no modo de expressão desses dois tipos de complementos, façamos uma breve apresentação das características que estes manifestam em oposição aos demais argumentos internos dos verbos.

Os argumentos internos (ou complementos verbais) podem ser classificados em dois grandes tipos, em função da presença ou ausência de um elemento proposicional como introdutor obrigatório do sintagma selecionado pelo verbo<sup>3</sup>: os

---

<sup>1</sup> Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral.

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística.

<sup>3</sup>Os verbos são, segundo Duarte e Brito (2003, p. 183), predicadores por excelência e requerem, a fim de se ter seu sentido completado, argumentos que constituem a sua grade argumental. Os argumentos, que denotam os participantes de uma ação ou atividade, podem ter uma relação mais próxima com o verbo (são os argumentos internos, que formam com o verbo um nível intermediário) ou uma relação mais distante (o argumento externo). Geralmente, o argumento externo, após uma operação sintática, exerce a função de sujeito da sentença. Já a posição de argumento interno pode ser ocupada por um dos seguintes constituintes: objeto direto, objeto indireto, locativo, ou a combinação desses de acordo com a entrada lexical de cada verbo. Os argumentos internos do verbo distinguem-se, categorial e semanticamente, a depender da entrada lexical de seus predicadores.

argumentos preposicionados e os não-preposicionados. Essas duas categorias correspondem, de maneira geral, aos objetos indiretos e aos diretos das gramáticas tradicionais, que analisam a preposição da primeira categoria como um elemento de ligação.

Trata-se, entretanto, de uma divisão simplificadora e imprecisa. Enquanto os complementos diretos fazem parte de uma classe relativamente homogênea, os complementos preposicionados formam uma classe heterogênea, que pode ser subdividida em, pelo menos, três grupos com características distintas.

Os complementos diretos correspondem aos sintagmas nominais (DPs) que ocorrem em sentenças transitivas, como em (1a-b), e bitransitivas, como (1c-d), e que exercem a função semântica (papel temático) de tema ou paciente da ação verbal. Em português, os complementos diretos podem ser substituídos por clíticos acusativos, como mostram os exemplos em (2) e, em construções passivas, podem ser alçados à posição de sujeito, como em (3):

- (1) a. Maria matou **o assaltante**.
- b. A equipe venceu **o torneio**.
- c. Maria entregou **o assaltante** à polícia.
- d. A equipe recebeu **a taça** do presidente da federação.
- (2) a. Maria **o** matou.
- b. A equipe **o** venceu.
- c. Maria **o** entregou à polícia.
- d. A equipe **a** recebeu do presidente da federação.
- (3) a. **O assaltante** foi morto por Maria.
- b. **O torneio** foi vencido pela equipe.
- c. **O assaltante** foi entregue à polícia por Maria.
- d. **A taça** foi recebida, do presidente da federação, pela equipe.

Os complementos preposicionados, por sua vez, podem ser classificados em três tipos, de acordo com as características semânticas e sintáticas que apresentam: os oblíquos, os circunstanciais e os dativos.

Apesar de serem introduzidos obrigatoriamente por preposições, os complementos (indiretos) oblíquos se aproximam mais dos complementos diretos do

que dos demais argumentos preposicionados, por exercerem igualmente a função de tema ou paciente da ação verbal, como nos exemplos em (4):

- (4)
- a. O pugilista bateu **no oponente**.
  - b. Os baianos gostam **de acarajé**.
  - c. João pensou **na moça** o dia todo.
  - d. Os doentes precisam **de atendimento** urgente.

Esses complementos parecem receber preposição unicamente por um requisito formal de licenciamento de caso. Uma interpretação preliminar para a diferença entre as construções com complementos diretos e com indiretos oblíquos é que, no primeiro caso, os verbos atribuem caso acusativo diretamente aos sintagmas (nominais) que selecionam como argumentos, enquanto, no segundo caso, os verbos parecem ser incapazes de fazê-lo, o que torna indispensável a presença da preposição como marcador de caso. Nesta análise, a preposição não é vista como um mero elemento de ligação, mas como um recurso sintático responsável por licenciar a ocorrência do sintagma nominal selecionado pelo verbo.

O fato de não receberem caso (acusativo) do verbo também se reflete na impossibilidade de os complementos oblíquos serem substituídos por clíticos acusativos ou de serem passivizados, como mostra a agramaticalidade das sentenças em (5)<sup>4</sup> e (6):

- (5)
- a. \* O pugilista **o** bateu.
  - b. ?\* Os baianos **o** gostam.
  - c. \* João **a** pensou o dia todo.
  - d. \* Os doentes **o** precisam.
- (6)
- a. \* **O oponente** foi batido pelo pugilista.
  - b. \* **Acarajé** é gostado pelos baianos.
  - c. \* **A moça** foi pensada por João o dia todo<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> A restrição à substituição por clíticos, porém, parece ser geral dos complementos oblíquos, não dizendo respeito apenas aos clíticos acusativos. Estes complementos também não podem ser substituídos por clíticos dativos, o que serve também como recurso para diferenciá-los.

<sup>5</sup> Note-se que, diferentemente, em (i), a passivização com o complemento de PENSAR é perfeitamente aceitável. Isso, provavelmente, está relacionado à diferença de interpretação do verbo, que, em (i), dá a idéia de algo que é objeto de planejamento, sentido que não está presente em (6c).

d. \* **Atendimento urgente** foi precisado pelos doentes.

Os complementos circunstanciais, por outro lado, manifestam características mais semelhantes às de adjuntos verbais. Esses complementos não desempenham as funções semânticas de tema ou de paciente e podem ser realizados por expressões de natureza adverbial, como mostram os exemplos em (7):

- (7)
- a. Eu fui **à praia**.
  - b. Eu fui **lá**.
  - c. Eu moro **em Salvador**.
  - d. Eu moro **aqui**.
  - e. A menina se comportou **de modo adequado**.
  - f. A menina se comportou **bem**.

Os complementos dativos diferem essencialmente dos diretos, de um lado, e dos indiretos oblíquos e circunstanciais, de outro, por três características básicas: (i) são selecionados apenas por verbos bitransitivos, co-ocorrendo, portanto, com complementos diretos (realizados ou implícitos); (ii) não podem ser substituídos por clíticos acusativos nem passivizados e (iii) manifestam as funções semânticas de alvo / meta ou fonte / recipiente, como em (8):

- (8)
- a. Maria entregou o assaltante **à polícia**. [alvo / meta]
  - b. O policial ofereceu **ao acusado** uma alternativa. [alvo / meta]
  - c. A equipe recebeu a taça **do presidente da federação**. [fonte]
  - d. O ladrão roubou o relógio **ao Pedro**.<sup>6</sup> [fonte]

Este capítulo trata, essencialmente, da realização de dois desses quatro tipos de argumentos verbais: (i) os complementos diretos, com papel temático de tema ou

---

(i) O plano foi pensado em conjunto pela equipe.

<sup>6</sup> O exemplo é dado por Moraes & Berlinck (2007) e corresponde ao português europeu. A perda da preposição A como introdutora de dativos no português brasileiro provocou o desaparecimento dessa construção, substituída por (i), com a presença da preposição DE, em que o sintagma preposicionado não é interpretado como dativo com papel temático de fonte, mas como genitivo / possuidor.

(i) O ladrão roubou o relógio **de Pedro**.

paciente em estruturas verbais transitivas e bitransitivas; (ii) e os complementos dativos, com função semântica de meta, alvo ou fonte, em estruturas bitransitivas.

## 2. COMPLEMENTOS DIRETOS

O objeto direto (OD) é o argumento selecionado por um verbo transitivo e pode ser representado por um DP, um CP ou ainda por um IP, como em (9):

- (9)
- a. Ricardo disse **algumas palavras**.
  - b. Ricardo disse **que comprou alguns brinquedos**.
  - c. Ricardo diz **ter comprado alguns brinquedos**.

Além da seleção categorial, o verbo também seleciona semanticamente esse tipo de complemento. O objeto recebe diretamente do verbo o papel de tema/paciente. Uma vez desrespeitado esse requerimento, ocorrem seqüências inaceitáveis ou bastante marginais, como em (10b):

- (10)
- a. O terrorista castigou **três prisioneiros**.
  - b.\* O terrorista castigou **três pedras**.

Em (10b), a seqüência é agramatical devido à incompatibilidade entre o verbo e o DP *três pedras*. O verbo requer que o DP interno ao verbo possua, entre outros, o traço [+animado]. Porém, não é categórica a presença de um DP com esse traço nessa posição. Aliás, a posição de argumento interno não faz qualquer restrição de animacidade. A restrição observada em (10b) ocorre devido a propriedades semânticas específicas do verbo *castigar*.

À caracterização do objeto direto é também relevante a noção de caso estrutural. Segundo a teoria gerativa, em todas as línguas, o DP deve ter caso marcado<sup>7</sup>, para que o seu papel semântico seja interpretado. O caso, entre as línguas,

---

<sup>7</sup> Existem diferentes implementações técnicas para a teoria do caso. A versão clássica considerava que os DPs surgiam na computação sem caso e o recebiam, posteriormente, de um elemento atribuidor. Posteriormente, no modelo minimalista, se considerou a hipótese de que os DPs surgissem já totalmente flexionados em caso, apenas checando a compatibilidade do caso com o elemento apropriado, no curso da derivação.

pode ser marcado morfológicamente, quando existe um sistema morfológico para tal, como no latim e no alemão; ou através de uma marcação abstrata, ou seja, sem a manifestação de elementos flexionais.

No português, não há um sistema visível de marcação casual, exceto no paradigma pronominal. No PB, especificamente, a distinção de caso no sistema pronominal reflete-se mais rigorosamente na escrita, enquanto, no vernáculo, essa distinção se atenua sensivelmente. Conforme propõe a tradição gramatical, os pronomes pessoais, quanto à distinção entre nominativo e acusativo, assim se dividem:

**Quadro 1: Pronomes pessoais do português segundo a tradição gramatical**

|                | Caso reto        | Caso oblíquo           |
|----------------|------------------|------------------------|
| Pessoa         | Nominativo       | Acusativo <sup>8</sup> |
| 1 <sup>a</sup> | eu               | me                     |
| 2 <sup>a</sup> | tu               | te                     |
| 3 <sup>a</sup> | ele <sup>9</sup> | o, a, se               |
| 1 <sup>a</sup> | nós              | Nos                    |
| 2 <sup>a</sup> | vós              | Vos                    |
| 3 <sup>a</sup> | eles             | os, as, se             |

Em línguas que perdem a marcação morfológica, é necessário que haja outro sistema para realizar o caso dos DPs. A teoria gerativa propõe que, nessas línguas, ocorre uma marcação abstrata de caso, através de outros recursos formais diferentes da morfologia. Em algumas línguas, inclusive no PB, é a ordem dos termos que permite a identificação do caso de um termo na sentença. Essa característica permite, principalmente no PB vernacular, a ocorrência do pronome sujeito na posição de objeto direto, como no verso da música de Dorival Caymmi:

(11) Ai, saudade, leva **eu**.

---

<sup>8</sup> Apenas os pronomes de terceira pessoa O(S), A(S) expressam, essencialmente, o caso acusativo.

<sup>9</sup> O pronome *ele(a)(s)* pode, ainda, receber caso dativo ou genitivo de preposições.

Nesse verso, o pronome “nominativo” *eu* é interpretado como objeto direto, devido à sua posição interna ao VP, que o identifica como acusativo. Esse uso não se restringe só à 1ª pessoa do paradigma pronominal, sendo muito mais freqüente com a 3ª pessoa, principalmente pela queda dos clíticos acusativos de terceira pessoa:

(12) O João, encontrei **ele** no cinema ontem<sup>10</sup>.

O verbo que subcategoriza um DP como argumento interno e a ele atribui caso acusativo e papel temático tema/paciente é chamado de transitivo direto. Esse tipo de verbo também pode atribuir acusativo ao sujeito de sentenças encaixadas cujo verbo infinito não pode atribuir nominativo. São os verbos transitivos causativos ou sensitivos:

(13) a. Luísa estava à toa, então mandei-[a fazer o dever de casa].  
b. Minha vizinha tem uma linda voz. Ouço [**ela** cantando].

Nos exemplos em (13), a sentença entre colchetes é o argumento interno exigido pelo verbo transitivo direto. Esse verbo, entretanto, atribui acusativo ao clítico em (13a) e ao pronome *ela* em (13b), que, na verdade, são argumentos dos verbos encaixados FAZER e CANTAR. Essa operação é chamada marcação excepcional de caso (ECM)<sup>11</sup>. A operação é mais evidente em (13a), devido à realização do clítico A, que possui caso morfológicamente explícito.

O verbo transitivo direto pode também selecionar como argumento interno uma mini-orção<sup>12</sup>, construção em que também ocorre ECM:

---

<sup>10</sup> Segundo Galves (2001, p. 66), “a possibilidade de aparecer um pronome pleno em posição de objeto e a sua capacidade de referir-se ao tópico livremente (...) é uma manifestação da interferência direta do discurso na sintaxe”.

<sup>11</sup> Dentro da teoria gerativa, chama-se Marcação Excepcional de Caso (ECM) quando um elemento predicador, como um verbo, atribui caso a um item que não é de fato seu argumento, mas sim de outro predicador. É a situação de (i), em que o DP pronominal NOS é argumento externo do verbo SAIR, da sentença encaixada, mas não recebe caso nominativo por a sentença ser infinita. O DP recebe, então, caso acusativo do verbo matriz. Note-se que o real argumento interno de VER é a sentença encaixada inteira.

(i) Ele viu-nos sair de casa.

<sup>12</sup> Uma mini-orção é uma construção que contém uma relação mínima de predicação, mas que não é intermediada por um verbo.



- (14) Um político estava sendo julgado pelo crime de corrupção, mas o juiz considerou-  
[o/ele inocente].

Em (14), o sujeito da mini-oracão (o/ele) recebe do verbo o caso acusativo, da mesma forma que ocorre em (13). Embora os pronomes nos contextos em (13-14) não se constituam sozinhos o argumento interno verbo, eles têm sido incluídos em investigações sobre o OD que retoma um antecedente no contexto discursivo (cf. DUARTE, 1986; FIGUEIREDO, 2004<sup>13</sup>).

As construções com verbos transitivos diretos permitem o processo de passivização, em que o OD é promovido à posição de sujeito da sentença e o sujeito/agente pode ser omitido, indeterminando o responsável pela ação verbal. São três os tipos de construções passivas: passivas verbais, constituídas por verbo ser +particípio, como em (15a); passivas pronominais, verbo + SE, como em (15b); passivas adjetivas, ficar +adjetivo participial, como em (15c):

- (15) a. **As decisões** foram adiadas pela diretoria.  
b. Adiaram-se **as decisões**.  
c. Ficaram adiadas **as decisões**.

Outra característica do OD que está diretamente ligada ao discurso é o fato de ele poder retomar um referente já mencionado no contexto discursivo (16a) ou se referir a um referente presente no contexto situacional (16b). O primeiro caso, chamado de objeto direto anafórico, tem sido amplamente estudado<sup>14</sup>, visto que as suas possibilidades de manifestação distinguem as línguas:

- (16) a. Deixaram **os brinquedos**, **espalhados**, mas deveriam guardá-**los**, antes de sair.  
b. Diante de documento no chão, A diz a B: – Pegue **Ø**!

---

<sup>13</sup> Em trabalho recente, Figueiredo (em preparação) tem descartado esse tipo de construção (12-13), e a estratégia realizada nesta posição é considerada como sujeito.

<sup>14</sup> Huang (1984, 1991); Duarte (1986), Galves (1986, 2000), Cyrino (1997), Figueiredo (2004, 2006), Cavalcante (2005), entre outros.

Para retomar, na função de objeto direto, um elemento já mencionado no discurso, o português conta com quatro estratégias:

Clítico (CL):

(17) **Ana**<sub>i</sub> chegava por uma rua pouco iluminada, mas eu **a**<sub>i</sub> via de longe.

Objeto nulo (ON):

(18) Vi **o carro de meus sonhos**<sub>i</sub>; em uma exposição, mas não pude comprar \_\_\_\_<sub>i</sub>.

Pronome nominativo ELE (PR)<sup>15</sup>:

(19) **Rita**<sub>i</sub> me convidou para uma viagem, mas eu não pude acompanhar **ela**<sub>i</sub>.

Sintagma nominal (DP):

(20) **Doce pronto**<sub>i</sub>; tem em qualquer lugar. Mas algumas pessoas teimam em fazer **doce**<sub>i</sub> em casa.

Nos exemplos acima, as três primeiras estratégias (17-19) não possuem autonomia discursiva, a sua interpretação se dá quando é correferente a um elemento presente no discurso ou na situação comunicativa. Já a quarta (20) é uma expressão referencial, que, a rigor, não exige antecedência, possuindo autonomia referencial. A literatura sobre o tema considera esse recurso como uma estratégia de esquiva adotada pelo falante.

Nas próximas subseções, apresentamos a distribuição dessas estratégias nas variedades europeia e brasileira da língua portuguesa e também no crioulo de base portuguesa de Cabo Verde. Posteriormente, examinamos a realização dos complementos diretos nas atas, a partir dos aspectos apresentados nessa seção.

---

<sup>15</sup> O uso do pronome nominativo ELE/ELA tem sido alvo de inúmeros trabalhos. Câmara Junior, em 1957 (1972), já discutia esse uso peculiar no PB; seguem-se a ele Duarte, 1986; Galves, 1986 (2001); 2000 (2001), entre outros.

## 2.1. OBJETO DIRETO NO PORTUGUÊS EUROPEU

Estão disponíveis para o PE apenas duas das estratégias acima mencionadas, o CL e o ON (cf. RAPOSO, 1986, 2004; KATO & RAPOSO, 2005; CYRINO, 2005). Porém, o contexto sintático é bastante relevante na escolha das estratégias. Enquanto o CL é o recurso utilizado na maioria dos contextos, o ON não é licenciado livremente, devido a restrições sintáticas. Raposo (1986)<sup>16</sup> defende que a ocorrência do ON em contexto de ilhas seria agramatical no PE, o que o fez defender a idéia de que o ON seria uma variável ligada a um operador nulo movido para uma posição de tópico, análise que explica a impossibilidade em ilhas. Os exemplos em (21), de Raposo, mostram que, em sentenças simples, seriam possíveis tanto o CL quanto o ON, enquanto (22) mostra que, em ilhas, o ON seria agramatical no PE:

(21) a. Joana viu-os na TV ontem.

b. Joana viu \_\_\_ na TV ontem.

(Raposo, 1986, p. 373)

(22) a. \*Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado \_\_\_ no cofre da sala de jantar.

b. \*O rapaz que trouxe \_\_\_ mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado.

c. \*Que a IBM venda \_\_\_ a particulares surpreende-me.

(Raposo, 1986, p. 381-2)

Uma análise do português rural de Portugal está sendo realizada por Figueiredo (em preparação). Os resultados preliminares referentes às três regiões<sup>17</sup> portuguesas investigadas confirmam que o PL não é produtivo nesses dialetos, mas que o ON e o CL apresentam comportamentos diferenciados em função da região: ON é bastante freqüente no sul de Portugal, com 67% dos dados, enquanto o clítico é mais freqüente na região meridional, 72%. No norte de Portugal, há um maior equilíbrio entre a freqüência das estratégias, como se pode verificar na Tabela 1 abaixo:

---

<sup>16</sup> Raposo (2004), porém, revê a sua posição em relação a esses contextos, passando a considerar marginais tais sentenças e não mais agramaticais.

<sup>17</sup> O *corpus* utilizado para esta pesquisa está disponível no *site* [http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/projecto\\_cordialsin.php](http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php)

**Tabela 1: Frequência do objeto direto nos dialetos do PB**

| Regiões        | ON          |    | CL          |    | SN          |    | Total       |     |
|----------------|-------------|----|-------------|----|-------------|----|-------------|-----|
|                | Ocorrências | %  | Ocorrências | %  | Ocorrências | %  | Ocorrências | %   |
| <b>Norte</b>   | 83          | 42 | 68          | 34 | 48          | 24 | 199         |     |
| <b>Central</b> | 26          | 17 | 118         | 77 | 9           | 6  | 155         |     |
| <b>Sul</b>     | 96          | 62 | 32          | 21 | 27          | 17 | 152         |     |
| <b>Total</b>   | 205         | 40 | 218         | 43 | 84          | 17 | 507         | 100 |

Os resultados da pesquisa mostram que o ON, no PE, é favorecido pelo traço [+genérico] em sentenças em que o verbo expressa uma atividade, como em (23a), ou com antecedentes [-definido], como (23b):

- (23) a. Depois notei. Depois andava aqui na pedreira apanhando **medronho**<sub>i</sub> ia vender \_\_\_<sub>i</sub> para o pomar... (sul)
- b. Outra vez lá o médico escreveu **uma cartinha**<sub>i</sub>, entregou \_\_\_<sub>i</sub> lá aos urgentes, lá os da ambulância, outra vez a caminho do hospital [...] de Odemira. (sul)

Quanto aos contextos de ilha, foram encontradas dez ocorrências de ON em sentenças adjuntas adverbiais no dialeto do norte e do sul, com leitura indefinida:

- (24) a. A sogra é que me dava... Uma vez prantou-me ele lá uma teia [**para mim urdir** \_\_\_], e nem sequer era [...] para mim tecer, era lá para umas outras empregadas. E foi-se embora, quando ele voltou, eu tinha-a urdida, (sul)
- b. E eu arranjei-lhe, então, **umas febras**<sub>i</sub>, e disse-lhe: "Pronto, filhinha, vai. E olha, **enquanto eu tiver** \_\_\_<sub>i</sub>, vem, que eu te arranjo. (E come) do que puderes".(norte)

Os dados do PE rural confirmam que existe sim uma diferença de comportamento entre o ON do PE e o do PB, embora não tão radical quanto na perspectiva de Raposo (1986). Além de ocorrer, de modo geral, com uma frequência menor do que no PB, como se verá na próxima seção, o ON do PE não é totalmente excluído no contexto de ilhas, mas apresenta restrições com relação aos traços de referencialidade, principalmente nestas construções.

## 2.2. OBJETO DIRETO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Diferentemente do PE, no PB, estão disponíveis três estratégias de retomada do objeto direto. Além do CL e do ON, o PB vernacular utiliza com frequência cada vez maior o pronome forte ELE / ELA nesta função, como mostram os exemplos em (25):

- (25) a. Maria matou **ele**.  
b. A carta, Maria colocou **ela** no correio ontem.  
c. A taça, a equipe recebeu **ela** do presidente da federação.

A rigor, porém, o PB conta apenas com o ON e o PL, uma vez que o uso do CL é praticamente restrito à modalidade escrita ou a situações mais formais de comunicação. Em *corpus* de fala urbana, da cidade de São Paulo, Duarte (1987, 1989) encontrou apenas 4,9% de CL, contra 15,4% de PR, 62,6% de ON e 17,1% de SNs / DPs anafóricos, como mostram os números da Tabela 2:

**Tabela 2: Realização do objeto direto anafórico em Duarte (1987)**

| Variantes        | Ocorrências | %    |
|------------------|-------------|------|
| Clítico          | 97          | 4,9  |
| Pronome ELE      | 304         | 15,4 |
| Categorial vazia | 1235        | 62,6 |
| SNs anafóricos   | 338         | 17,1 |
| <b>Total</b>     | 1974        | 100  |

Adaptado de Duarte (1987).

Os resultados de sua pesquisa indicam que o uso do clítico é favorecido pelas variáveis sociais que apontam para uma maior formalidade, como escolaridade mais alta, faixa etária mais elevada e estilo de fala mais cuidado. Ainda assim, a frequência não atinge percentuais muito elevados, mesmo nesses contextos.

Cavalcante (2005), em um pequeno *corpus* de textos de diários virtuais da internet (*blogs*), encontrou um uso bem mais elevado de CL, que alcança 41%,

rivalizando diretamente com o ON. Entretanto, a frequência de ON ainda é majoritária, com 51%<sup>18</sup>:

**Tabela 3: Distribuição do objeto direto em textos virtuais**

| Variante         | Frequência |
|------------------|------------|
| Clítico          | 41         |
| Pronome lexical  | 8          |
| Categorial vazia | 51         |
| <b>Total</b>     | <b>100</b> |

Adaptado de Cavalcante, 2005.

Note-se que os diários virtuais apresentam apenas um grau moderado de formalidade, distanciando-se bastante de textos jornalísticos e acadêmicos, por exemplo, em que o uso de CL deve ser ainda maior e o de PR, nulo. Esses três aspectos – (i) o número reduzido de CL em dados de fala, (ii) o seu condicionamento social e (iii) a frequência mais elevada em textos escritos – confirmam a hipótese consensual na lingüística brasileira de que o CL não faz parte do vernáculo brasileiro, sendo adquirido apenas via escolarização.

### 2.2.1. OBJETO DIRETO NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

Figueiredo (2004), trabalhando com *corpus* de comunidade afro-brasileira do interior do estado da Bahia, se depara com a ausência completa de CL. Esse resultado é esperado, devido ao perfil social de acesso nulo ou praticamente nulo à escolarização na comunidade, e confirma a análise do CL como forma não-vernacular, introduzida apenas pela escolarização.

Os números encontrados pela autora são apresentados na Tabela 4. Como se pode ver, o ON é a forma majoritariamente utilizada pelos informantes, como 65,6% de frequência. A ocorrência de PR é de apenas 12%. Isso, somado à tendência de aumento do uso de PR da faixa etária mais elevada para a mais jovem, confirma que o PR é uma forma vernacular do PB com plena vitalidade, embora o ON seja menos marcado e mais bem distribuído.

---

<sup>18</sup> É importante notar que Duarte (1987) inclui no cálculo os dados de DPs correferentes, descartados por Cavalcante. Os DPs alcançam 17% dos dados de Duarte. Excluindo-se esses casos, contudo, a frequência de CL subiria de 4,9% apenas para 5,9% dos dados, contra 18% de PR e 75% de ON.

**Tabela 4: Realização do objeto retomado no português afro-brasileiro**

| <b>Variantes</b> | <b>Ocorrências</b> | <b>%</b>   |
|------------------|--------------------|------------|
| CL               | 0                  | 0          |
| PR               | 213                | 12         |
| ON               | 1267               | 62,6       |
| DP               | 275                | 16         |
| <b>Total</b>     | <b>1974</b>        | <b>100</b> |

Nesse trabalho, Figueiredo (2004) conclui que o ON está há mais tempo nesta comunidade e que é o PR a estratégia inovadora, considerando que, no dialeto urbano paulista (Duarte, 1986), essa estratégia possui frequência mais alta que no dialeto rural afro-brasileiro.

### **2.2.2. O OBJETO DIRETO NO DIALETO RURAL DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

Figueiredo (em andamento), a fim de estabelecer um *continuum* entre o dialeto urbano e o rural isolado (de afro-descendentes), analisa o município de Santo Antônio de Jesus<sup>19</sup>, separando-o em duas áreas: a sede e a zona rural. Em cada área, foram analisados doze inquéritos.

Os membros da sede mantêm contato com falantes de diversos dialetos devido ao forte comércio existente na cidade; já os membros da zona rural mantêm um contato constante com a sede, a fim de vender seus produtos. Isso diferencia a zona rural de Santo Antônio de Jesus do perfil das comunidades rurais afro-brasileiras que vivem em relativo isolamento e praticam a agricultura apenas com o objetivo de subsistência.

Nas duas regiões de Santo Antônio de Jesus, não há ocorrência de clíticos. Já as estratégias PR e ON apresentam comportamento diferente em cada região. A frequência do ON na sede é menor que na zona rural, como mostram os percentuais de 75% e 84%, respectivamente, enquanto a frequência do PR tem comportamento inverso, 11% na sede e 7% na zona rural.

---

<sup>19</sup> O *corpus* analisado pertence ao banco de dados do projeto *Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*.

**Tabela 5: Objeto direto em Santo Antônio de Jesus**

| Variantes    | Sede        |     | Zona rural  |     |
|--------------|-------------|-----|-------------|-----|
|              | Ocorrências | %   | Ocorrências | %   |
| CL           | 0           | 0   | 0           | 0   |
| PR           | 46          | 11  | 51          | 7   |
| ON           | 325         | 75  | 647         | 84  |
| DP           | 61          | 14  | 74          | 10  |
| <b>Total</b> | 432         | 100 | 772         | 100 |

Comparando os resultados dessas duas comunidades com o dialeto urbano e o rural afro-brasileiro, pode-se dizer que a sede de Santo Antônio de Jesus tem um comportamento semelhante ao do dialeto urbano (DUARTE, 1986), ou seja, menor frequência de ON e maior frequência de PL. Já o comportamento da zona rural de Santo Antônio de Jesus está mais próximo do dialeto rural afro-brasileiro (FIGUEIREDO, 2004), maior índice de ON e menor índice de PL.

Esses resultados parecem apontar para um *continuum* entre esses quatro dialetos (o dialeto urbano, o da sede do município do interior, o da zona rural desse mesmo município e o da comunidade rural isolada), com a frequência de PR crescendo à medida que se passa da comunidade isolada em direção ao dialeto urbano, e a frequência de ON apresentando o perfil oposto, maior entre os dialetos mais rurais e menor entre os mais próximos do padrão urbano.

Esse quadro parece reforçar as considerações de Figueiredo (2004) de que a forma ELE na função acusativa é mais recente no PB do que a forma nula, ou, ao menos, mais recente nos dialetos rurais, o que pode indicar que o seu surgimento ocorreu nos dialetos urbanos, sendo depois o ELE disseminado para outras variedades.

### **2.3. O OBJETO DIRETO NO PORTUGUÊS CRIOULO DE CABO VERDE**

O caboverdiano, língua crioula de base portuguesa, é falado no arquipélago de Cabo Verde, no Oceano Atlântico, na África, e possui dois dialetos geográficos: Barlavento e Sotavento. Essa língua crioula, segundo Baptista (2002), a depender do contexto, conta com duas estratégias pronominais para preencher a posição de objeto



direto: um elemento clítico (CL) e outro não clítico (Ncl)<sup>20</sup>, conforme demonstram os exemplos a seguir:

- (25) Clítico  
 a. João odja-**l**. (Cabo verdiano)  
 João viu-**a/o**.
- (26) Não-clítico  
 a. João da-me **el**. (Cabo verdiano)  
 João deu-me **ele/ela**.

Segundo Baptista (2002, p. 236), o pronome não clítico *el* pode também desempenhar a função de sujeito, um comportamento semelhante ao dos dialetos rurais apresentados neste trabalho. Essa língua possui um sistema de pronomes clíticos e não clíticos para ocupar tanto a posição de sujeito quanto a de complemento verbal. Observa-se, no Quadro abaixo, que, mesmo no paradigma pronominal clítico, há a possibilidade de um mesmo elemento exercer funções distintas, exceto as formas de terceira pessoa. Sobre essa suposta distinção, Batista (2002, p. 235) esclarece que “o pronome clítico da terceira pessoa do singular e da terceira do plural perde sua vogal inicial, cliticizando-se ao verbo que o precede”, em (25a).

**Quadro 2: A distribuição dos pronomes clíticos do crioulo cabo verdiano**

| Clíticos | Sujeito | Objeto | Preposicionado |
|----------|---------|--------|----------------|
| 1ª sing. | N (M)   | -m     | NA             |
| 2ª sing  | bu      | -bu    |                |
| 3ª sing  | e       | -l     |                |
| 1ª PL    | nu      | -nu    |                |
| 2ª PL    | nhos    | -nhos  |                |
| 3ª PL    | es      | -s     |                |

Desse Quadro, pode-se inferir que, como a maioria dos clíticos exerce tanto a função de sujeito quanto a de objeto direto, a atribuição de caso é estrutural nessa língua, e que, em seu sistema pronominal, as formas não são marcadas morfologicamente.

<sup>20</sup> Conforme Baptista (2002: 235), as formas não clíticas não podem ocorrer adjacentes ao verbo.

## 2.4. OBJETO DIRETO NA ESCRITA DE AFRICANOS ALFORRIADOS NO BRASIL

As construções sintáticas incluindo verbos transitivos diretos, nas atas, estão bastante relacionadas ao gênero textual a que pertencem. Esse gênero, de caráter documental, consiste no registro dos atos e decisões tomadas em uma dada reunião ou seção. Três características do gênero *ata* são determinantes na escolha das construções sintáticas utilizadas:

- I. Objetividade: os assuntos são ordenados linearmente, sem repetições e com poucas retomadas anafóricas;
- II. Registro coletivo: a responsabilidade dos atos e das decisões tomadas é diluída, o que dispensa construções com sujeito explícito;
- III. Documental: o que leva ao estabelecimento de uma estrutura formal bastante rigorosa, abertura e fechamento seguem formas pré-estabelecidas, ficando livre apenas o corpo da ata, em que se registram as informações novas.

### 2.4.1. AS CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS NAS ATAS E O COMPORTAMENTO DO ARGUMENTO INTERNO

As características desse gênero textual podem levar a um uso produtivo de construções com verbos transitivos diretos sem que eles, necessariamente, requeiram que o argumento interno exerça a função de complemento direto, por exemplo, em construções passivas.

A Tabela 6, a seguir, registra a distribuição das construções ativas (que requerem a realização da função de objeto direto) e das passivas (em que o argumento interno é elevado à posição de sujeito). Identificamos 409 construções que envolvem verbos transitivos diretos. A maior frequência é da voz ativa, com 59% das ocorrências.

**Tabela 6: Objeto direto em construções ativas e passivas**

| Variante     | Ocorrências | %          |
|--------------|-------------|------------|
| Voz ativa    | 240         | 59         |
| Passiva      | 169         | 41         |
| <b>Total</b> | <b>409</b>  | <b>100</b> |

Para o fenômeno analisado, o caráter formular do fechamento das atas pode enviesar os números, visto que esta parte da ata é constituída de verbos transitivos semelhantes, que têm como complemento o mesmo referente nas diversas atas:

- (27) a. e por esta / Com forme **mandou** o Provedor **lavra** es / te termo eeu Como Secretario ofis e**Su / bré escrevi** \_\_\_\_, etc. (JFO, 05, 10.07.1836)
- b. e para Constar **mandou** o Prezidente e mais / Membro da Junta *que* / este **fizese** e **asig ase** (MSR,01, 23.02.1835)
- c. e para Constar **mandou** a meza / *Administradora que* este **Sefizese** para Constar etodo tempo eu que / **subscrevi** e **Asignei** (MSR, 15, 11.10.1835)
- d. e por estar Com forme **mandou lavra** este / para Constar Herá Suprá Cons cistorio / dos des Valido etc (JFO, 7, 04.09.1836).

Nos exemplos em (27), retirados do fechamento, observa-se a repetição do verbo transitivo *mandar*, que, sendo causativo, seleciona como argumento uma sentença, cujo verbo ora é *lavar* (27a, d), ora é *fazer* (27b, c). O complemento dos últimos verbos é sempre o documento redigido, ou seja, a ata. A fórmula ainda inclui dois verbos que selecionam como complemento o mesmo referente, a ata, *assinare* e *subscrever*. A fim de se obter números mais precisos, desconsideramos o fechamento das atas, devido a seu caráter formular, mas retomaremos consideração sobre essa parte adiante. Sem os dados do fechamento, os números são outros e há uma inversão na frequência dessas construções. Quando são focalizados apenas os dados do corpo das atas, é maior a frequência de construções passivas, com 58%, como se pode ver na Tabela 7, uma diferença bastante significativa de quando consideramos todos os dados:

Tabela 7: Objeto direto em construções ativas e passivas no corpo das atas

| Variante     | Ocorrências | %   |
|--------------|-------------|-----|
| Voz ativa    | 110         | 42  |
| Passiva      | 151         | 58  |
| <b>Total</b> | 261         | 100 |

O uso de construções passivas reflete uma das características do gênero textual analisado, que é o fato de não ser necessário explicitar o agente das ações realizadas. No corpo das atas, encontraram-se três tipos de passiva: a verbal com o

verbo *ser* + particípio passado (cf. 28); a passiva adjetiva, com o verbo *ficar* + particípio adjetivado (cf. 29); e a passiva pronominal, verbo + pronome apassivador SE (cf. 30). Consideramos construções passivas as formas verbais no particípio, construções consideradas reduzidas<sup>21</sup> (31):

- (28) a. Segundo, *que* a Missa **he celebrada** / pelo Padre *que* adisser logo as Oito horas imperte / *rivelmente*. (LTG, 16.11.1832)  
 b. e Continuou-se os traba / lhos e determi nou-se *que* não **pode ra ser Eleito** / Irmaõ *algum sem que* não esteje legar em suas Contas / mensaes ou Entrada segúndo marca na Lei <Artigo> 49 (MSR, 18.07.1835)
- (29) a. **Fica adi / ado** arematação do novo Coffre *aquem* / preferi por menos fazer. (LTG, 04.10.1835)  
 b. Irmõins por- / Estremadós, ea Comiçaõ Nomeada e por ter preenchido, estes / deveres, **ficou marcadó** apossé pará para treze de Dezembro / deste mesmo annó. (JFO, 10, 13.11.1836)
- (30) a. **Decidio-se** por maior / votto das favas oSeguinte / (16.07.1832)  
 b. **Lanca-se** o Termo como Ley os *que* / ficaraõ aprovado, assim como aver / Loterias. (LTG, 21.04.1833)
- (31) a. e propos o Juiz *que* sedevia Organizar / hu□a Loteria de mil Belhetes **[empresso** a 32o cada hum, / (LTG, 11. 04.08, 1833)  
 b. a Meza de pois de ter es corrido o es co tinio man / dar im primir huma Satisfacaõ ao Publico / em Resposta da dita. **Espedida** nodia 16 de Janeiro / de 1834 (MSR, 01, 23.02.1834)

Quanto às construções ativas, foram selecionados todos os tipos de categorias como complemento:

**DP:**

- (32) nafalta *que* possaõ ter sobre as festividade / poderá o Cofre Emprestar **[adita quantia]** ao Thezoureiro de *que* / faltar sobre a Finta dos 500 reis (MCRS, 14, 13.07.1835)

---

<sup>21</sup> A tradição gramatical chama de orações subordinadas de particípio e, ao serem desenvolvidas, correspondem a uma construção passiva verbal.

i) **Iniciados** os trabalhos, deu-se prosseguimento às discussões.

ii) Quando os trabalhos **foram iniciados**, deu-se prosseguimento às discussões.

**CP<sup>22</sup>:**

- (33) de liberou aJunta [*que to dos Irmãos / Princi piante aes ta Devocão tenhaõ o termo / de D[o]finidores aquelles que merecer Unanim / amente Popular*] (MSR, 02, 23.02.1834)

**IP:**

- (34) Mandar [*emprimil a Leis*] para Repatir Com o Irmão (MVS, 04, 05.04,1835)

**Mini-oracão:**

- (35) lemos o termo Antecedem / te do que ficou adiado sobre as Conta do Ex Tezoureiro Da / niel Correia eaXemos [\_\_\_ Com forme] (JFO, 06, 14.08.1836)

Devido às características particulares do gênero textual analisado, os assuntos se dispõem linearmente nas atas, de maneira que repetições e retomadas anafóricas foram evitadas no corpo das atas. Identificamos apenas treze ocorrências de objeto anafórico, realizado por ON (36a), por clítico (36b) ou por DP (36c):

- (36) a. etratemos a Rever o **debito**<sub>i</sub> que Se devia a Caza ó / qual mandou oVis Provedor Cartiar-sé aos / ditos para Virem Remirem \_\_\_<sub>i</sub> naprimeira Reuniaõ (JFO, 04, 05.06.1836)
- b. Segundo, que **a Missa**<sub>i</sub> he celebrada / pelo Padre que **a**<sub>i</sub>disser logo as Oito horas imperte / rivelmente. (LTG, 06, 16.12.1832)
- c. O Sacretario Luiz Teixeira Gomes / naõ deu votto algum na **re-** / **forma**<sub>i</sub> por ser quem fes **areforma**<sub>i</sub> (LTG, 10, 21.04.1833)

Para não fugir à objetividade, outro recurso utilizado para a retomada é o uso de construções relativas. Nessas construções, o objeto direto é realizado por um pronome relativo, reunindo duas informações em uma só sentença. São treze as ocorrências deste tipo de construção, dentre elas estão as sentenças apresentadas em (37):

---

<sup>22</sup> O verbo *deliberar* ocorre principalmente na abertura das atas e ora seleciona um CP, como em (29), ora seleciona um DP, como no exemplo a seguir.  
i) O Prezidente da Junta de Liberou [*o seguinte*]- / (MSR, 01, 23.02.1834)

- (37) a. elle ficara res- / ponca vel pella as fatas do andamento / des ta de uo caõ Visto negar **o despaxo**; / **que**; a Commicaõ emViov emNome da De- / uocaõ (MC, 02, 02.05.1841)
- b. Igiga do Mencaes da Deuocaõ **as murta**; **que**; os Irmão tuerem / de Comprir pagar (MC, 02, 02.05.1841)
- c.com tinuouse **os trabalho**; **que**; ja vai para / a Comissãõ dessedir eregular, (LTG, 13, 03.05.1835)

Na próxima seção, trataremos apenas de um subconjunto dos casos dos argumentos internos, aqueles que realizam na função típica de objeto direto, ou seja, na voz ativa.

#### 2.4.2. REALIZAÇÃO DA FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO NAS ATAS

Nesta subseção, trataremos das ocorrências do argumento interno efetivamente na função de objeto direto, ora retomando um antecedente discursivo, numa relação anafórica<sup>23</sup> (cf. 38), ora se referindo a um elemento presente na situação, numa relação dêitica (cf. 39). A identificação da referência dêitica se diferencia da anafórica por não apresentar índice de correferência:

- (38) a. epara cons / tar mandou oprovedor Lavra estes **ter / mo**; em *que* nos acinamos e eu **o**; Escrevi e / Como Secretario, e a Signei *etc.* (JFO, 08, 02.10.1836)
- b. epor estar Conforme mandou passar este / termo em Com *formidade* daLei, e eu Escrivaõ Aactual Escrevi, / eSubré esCrevi, herá Suprá *etc.* / (JFO, 10, 13.11.1836)
- (39) a. é por una- / nimidade dos actuaes Mezarios **o** escre / vi // e assignei como *Secretário* Luiz Teixeira Gomes (LTG, 09, 24.03 a 21.04.1833)
- b. epor estar Conforme / Assignamos \_\_\_\_ (LTG, 07, 16.11.1832)

A maior freqüência de construções anafóricas e dêiticas foi registrada no fechamento das atas e, como se observa em (38-39), há variação entre o clítico (versão a) e o ON (versão b). A quantidade dessas construções pode ser vista na Tabela a seguir:

---

<sup>23</sup> Utilizamos o termo aqui de acordo com a Linguística Textual.

**Tabela 8: Distribuição do objeto direto no corpo e no fechamento das atas**

|              | Corpo       |    | Fechamento  |     | Total       |     |
|--------------|-------------|----|-------------|-----|-------------|-----|
|              | Ocorrências | %  | Ocorrências | %   | Ocorrências | %   |
| Anafórico    | 13          | 33 | 26          | 67  | 39          | 48  |
| Dêitico      | --          | -- | 42          | 100 | 42          | 52  |
| <b>Total</b> | 13          | 16 | 68          | 84  | 81          | 100 |

No corpo das atas, não há nenhuma ocorrência de OD com referência dêitica, e de anafóricos foram encontradas apenas treze ocorrências. Existe mais de uma estratégia lingüística para realização desses tipos de objeto, como demonstram os exemplos em (38-39). Além do clítico e do ON, a retomada pode ser realizada através de um DP, como no exemplo em (20).

Estudos realizados sobre OD anafórico no PB apontam que a escolha pelo ON ou pelo clítico está relacionada ao traço semântico de animacidade (cf. DUARTE, 1986; CYRINO, 1997; FIGUEIREDO, 2004; entre outros)<sup>24</sup> e a traços de referencialidade. O português que chegou ao Brasil permitia duas estratégias de retomada de um antecedente discursivo: (i) o clítico para a retomada de DPs já pronunciados e (ii) o clítico neutro e o ON<sup>25</sup> para retomar uma sentença (CYRINO, 1997). No século XIX, segundo Cyrino (1997), a criança, a partir da elipse sentencial, estendeu a possibilidade de ON a antecedentes não-oracionais com traços [+específico, -animado], um comportamento lingüístico disponível para os redatores das atas analisadas. Ainda nesse século, com o enfraquecimento do clítico acusativo de terceira pessoa<sup>26</sup>, surge uma nova estratégia de retomada na posição de OD no PB, o pronome ELE. Tem-se, então, a seguinte distribuição: quando o antecedente possui o traço [-animado], o ON é favorecido; quando o antecedente possui traço [+animado], o pronome ELE é utilizado, concorrendo com os clíticos que ainda resistem.

<sup>24</sup> Figueiredo (em andamento) reanalisa o papel da animacidade no licenciamento dessas estratégias, sugerindo que é a posição onde o antecedente é gerado que permite a realização de uma ou de outra estratégia.

<sup>25</sup> O exemplo é uma amostra do português europeu do século XVI, encontrado em Gil Vicente:

i) Tomaste ante como ante

por marcante

o corsário Santanás

porque queeres\_\_\_ (cf. porque o queeres) (CYRINO, 1997, p. 242)

<sup>26</sup> Cyrino (1997), Nunes (1996).

Embora o número de dados encontrados não seja suficiente para nos fornecer uma generalização, verifica-se que o ON é a estratégia mais realizada no corpo das atas, com 69% das ocorrências, seguida pelo clítico (23%) e pela repetição do DP (8%), com apenas 1 caso.

**Tabela 9: Estratégias de retomada de objeto direto no fechamento das atas**

| Antecedentes | CL          |    | ON          |    | SN          |    | Total       |     |
|--------------|-------------|----|-------------|----|-------------|----|-------------|-----|
|              | Ocorrências | %  | Ocorrências | %  | Ocorrências | %  | Ocorrências | %   |
| DP           | 2           | 80 | 7           | 70 | 1           | 10 | 10          | 77  |
| Sentença     | 1           | 33 | 2           | 67 | -           | -  | 3           | 23  |
| <b>Total</b> | 3           | 23 | 9           | 69 | 1           | 8  | 13          | 100 |

A retomada de um DP, nas atas, ocorreu através de um clítico (40), do ON (41) e de um DP (42).

- (40) a. Segundo, *que a Missa*<sub>i</sub> he celebrada / pelo Padre *que a*<sub>i</sub>disser logo as Oito horas imperte / rivelmente. (LTG, 06, 16.12.1832)
- b. estando **o Vice Provedor emais / mezarior**<sub>i</sub> sancionou-se o seguinte *que na*<sup>1a</sup>. Dominga de / setembro **os**<sub>i</sub>; Encarrega dos da 4<sup>a</sup>. e 5<sup>a</sup>. Loteria darem Conta / e Enaõ o fazendo pasaraõ a responsabilizado; (MSR, 12, 02.08.1835)
- (41) a. teratemos a Rever **o debito**<sub>i</sub>; *que Se devia a Caza ó / qual mandou o*Vis Provedor Cartiar-sé aos / ditos para Virem Remirem \_\_\_<sub>i</sub> naprimeira Reuniaõ (JFO, 04, 05.06.1833)
- b. Fica adiado **aremataçaõ**<sub>i</sub>; do novo Coffre aquém / preferi por menos fazer \_\_\_<sub>i</sub>. (LTG, 14, 04.10.1835)
- c. o 2 Mandar emprimil **a Leis**<sub>i</sub>; para Repatir \_\_\_<sub>i</sub> Com o *Irmão / 1<sup>o</sup>. Atrigo sahio* Aprovado para principal o *que era / e a Cabar a Mejo dia e 2<sup>o</sup>. para a Commaõ de* sider. (MVS, 04, 05.04.1835)
- d. lemos **o termo Antecedem / te do que ficou adiado sobre as Conta do Ex Tezoureiro Da / niel Correia**<sub>i</sub>; eaXemos \_\_\_<sub>i</sub> Com forme ficando, a Rezista em / tomar o Conhecimento das mais prestada do *dito Tezoureiro*<sup>27</sup> / (JFO, 06, 14.08.1836)
- e. Aos dez dias do mez de Se / tembro de mil oito centos etrinta e dous pe- / rante o Juiz e Mezarior deu-se **todos poderes**<sub>i</sub> / ao Nosso Irmaõ Consultor Manoel da Conceicam / para exercer \_\_\_<sub>i</sub>; de Thezoureiro té que em o dia daposse / dezesseis do Corrente; (LTG, 01, 10.07.1832)

<sup>27</sup> Optamos por considerar tal dado, embora o ON não seja o argumento interno legítimo do verbo, mas a mini-oracão de que faz parte.



f. e com estes poderes pode / tudo<sub>i</sub> pagar, e cobrar \_\_\_<sub>i</sub>/<sup>28</sup> (LTG, 01, 10.09.1832)

g. Segundo *qualquer* Irmaõ *que* estando em / Meza fica responsalbelizado por *qualquer* / abuzo por dizer [**oque se passou na Meza**]<sub>i</sub> / aoutro seu Amigo, parente, Irmaõ, / ou Mulher, May, Pay, [ou]filho; e / no Cazoque se saiba que *qualquer* publicou \_\_\_<sub>i</sub> / he suspenço *para* outra reuniaõ por suspei (LTG, 07, 16.12.1832)

- (42) O Scretario Luiz Teixeira Gomes / naõ deu votto algum na **re- / forma**<sub>i</sub> por ser quem fes **areforma**<sub>i</sub> (LTG, 10, 21.04.1933)

Encontramos, nesta parte das atas, apenas três dados de OD que retomam uma sentença, uma vez através do clítico (43) e duas através do ON (44):

- (43) estando o *Vice* Provedor emais / mezarios sancionou-se o seguinte *que* na1<sup>a</sup>. *Domínga* de / *setembro* os Encarrega dos da 4<sup>a</sup>. e 5<sup>a</sup>. Loteria darem Conta / e Enaõ **o** fazendo pasaraõ a responsabilizado; (MSR, 12, 02.08.1835)

- (44) a. lemos o termo Anteceden / te do que ficou adiado sobre as Conta do Ex *Tezoureiro* Da / niel Correia eaXemos Com forme ficando, a Rezista \_\_\_ em / tomar o Conhecimento das mais prestada do *dito* *Tezoureiro* / (JFO, 06, 14.08.1836)

b. apresentor o Feçal o *Irmão* Luis *Theixeira* / Gomes o seguinte 1<sup>o</sup> Passar por Leis emquanto hora de Acha / mos nas [Comprenca] e *quanta* horas de de Vemos de Acabalr / o 2 Mandar emprimil a Leis *para* Repatir Com o *Irmão* / 1<sup>o</sup>. Atrigo sahio Aprovado *para* principal o *que* era / e a Cabar a Mejo dia e 2<sup>o</sup>. *para* a Comiçaõ de side \_\_\_<sup>29</sup>/ (MVS, 04, 05.05, 1835)

Quanto à escolha das estratégias de retomada de DPs, percebe-se que o antecedente com traço [-animado] pode ser recuperado através do clítico, como em (40a), e do ON, com em (41). No único caso de antecedente com traço semântico

---

<sup>28</sup> O exemplo (41f) é ambíguo entre duas análises estruturais. Na primeira, a posição de complemento do segundo verbo (COBRAR) é ocupada por um objeto nulo, qualquer que seja a análise para ele (um pronome nulo, uma variável ligada a um operador), correferente ao complemento do primeiro verbo (PAGAR). Na segunda análise, existe um tipo de estrutura coordenada, em que ambos os verbos compartilham o mesmo objeto (um tipo de coordenação verbal), da mesma forma que em (i), que é, então, topicalizado, de um modo semelhante ao que ocorre nas construções *across-the-board* (ATB) como em (ii), em que o elemento QU deslocado liga as posições de complemento vazias nas duas sentenças coordenadas:

(i) ... pode [[pagar] e [comprar] tudo].

(ii) Quem João encontrou \_\_\_ e cumprimentou \_\_\_?

<sup>29</sup> Esta lacuna permite a seguinte leitura: *mandar imprimir as leis*.

[+animado], (40b), a realização ocorre através de um clítico, o que não nos permite propor um padrão de comportamento das estratégias.

Segundo Cyrino (1997), no século XIX, o ON está disponível para retomar DPs com traço [+específico], o que é observado nos dados em (17 a-d). O ON também retoma antecedentes [-específico], como em (41 e-g).

Quanto à retomada de sentenças nas atas, embora sejam poucas as ocorrências, predomina o uso do ON, mas ainda ocorre a presença do clítico, refletindo um comportamento da época.

No fechamento, há ocorrências não só de objetos diretos com referência anafórica, mas também dêitica. Como se viu na Tabela 8, as ocorrências com referência dêitica se restringem a esta parte do texto, podendo realizar-se através de um clítico, como em (39a), ou de um ON, como em (39b), e têm como referente a própria ata.

A quantidade dessas estratégias, no fechamento das atas, é bastante equilibrada, e a escolha por uma delas está relacionada ao estilo dos secretários. Há registro de 37 ocorrências desse tipo de construção e, em apenas uma ocorrência, o clítico é encontrado (cf. exemplo em (39a)).

Do total de 40 ocorrências de retomada anafórica, 30 encontram-se nessa parte do texto, em que o antecedente é sempre o mesmo, a própria ata, e se distribuem entre o ON, com 18 ocorrências, e o clítico, com 8 ocorrências apenas. Há ainda uma terceira estratégia, que é a retomada pelo demonstrativo *este(a)*, sempre topicalizado. São quatro os dados em que a retomada é realizada por um demonstrativo: dois ocorrem com o verbo *fazer* e dois com o verbo *sobrescrever*:

- (45) a. e *para* constar mandou o Presidente / *que* selança-çe **es te termo em que nos / a signamos**; e como Scretario da dita / Comiçaõ **que este**; fis. (GMB, 02, 29.12.1835)  
b. epor estar / mos Com for me mandou a Junta *que* se lavrase / **este Termo**; Como Sacratário *que este*; fiz e a signei / (MSR, 08, 08.02.1835)  
c. epor / estamos Com forme mandou a Meza Administradora *que este*; / sefizesse e nos assignasemoz. Eu *que esta*; subscrevi (MSR, 09, 05.07.1835)  
d. epor estar Com forme man / dou a Ameza Administradora *que este*; sefizesse e asig narmoz / Como Scretário *que este*; sobre es crevi e Fica aguiado (MSR, 12, 02.08.1835)

O caráter formular desta parte do texto é evidenciado na repetição dos mesmos verbos, *fazer*, *escrever*, *assinar* e *subscrever*, e também na retomada do mesmo referente, a própria ata, seja com referência anafórica, seja com referência dêitica.

Tabela 10: Objeto direto e tipo de verbo

| Referência   |          | Fazer       |    | Assinar     |    | Escrever    |     | Subscrever  |    | Total       |     |
|--------------|----------|-------------|----|-------------|----|-------------|-----|-------------|----|-------------|-----|
|              |          | Ocorrências | %  | Ocorrências | %  | Ocorrências | %   | Ocorrências | %  | Ocorrências | %   |
| Dêitica      | CL       | --          | -- | --          | -- | 1           | 100 | --          | -- | 1           | 2   |
|              | O<br>N   | 3           | 7  | 23          | 56 | 5           | 12  | 10          | 25 | 41          | 98  |
|              | Subtotal | 3           | 7  | 23          | 55 | 6           | 14  | 10          | 24 | 42          | 100 |
| Anafórica    | CL       | 5           | 63 | 2           | 25 | 1           | 12  | --          | -- | 8           | 31  |
|              | O<br>N   | --          | -- | 8           | 44 | 1           | 6   | 9           | 50 | 18          | 69  |
|              | Subtotal | 5           | 19 | 10          | 38 | 2           | 8   | 9           | 35 | 26          | 100 |
| <b>Total</b> |          | 8           | 12 | 33          | 48 | 8           | 12  | 19          | 28 | 68          | 100 |

Como se vê na Tabela 10, a quantidade de ON é maior que a do clítico, de maneira semelhante às ocorrências encontradas no corpo das atas. São 59 ocorrências de ON e apenas 9 de clíticos. A única ocorrência de clítico com referência dêitica está exemplificada em (39a). O verbo *fazer* seleciona como complemento tanto o clítico quanto o ON, porém, quando a referência é dêitica, a retomada só ocorre pelo ON (46) e, quando a referência é anafórica, só ocorre CL (47):

- (46) a. Eu *que* Fis \_\_\_ e Cobrequer Como Srcretario Manoel Victo Serra e Fis Sor berçerver / (MVS, 03, 29.03.1835)  
b. ev *que* fis \_\_\_ easiner (MC. 02, 02.05.1841)
- (47) a. epor estar Com forme a Si- / gnamos, etc. Como Secretario *que este*; o<sub>i</sub> fes / ea Signei - Jozé Fernandes do Ó ( JFO, 03, 17.04.1836)  
b. epor esta / Com forme mandou o Provedor lavra es / te termo eeu Como Secretario **ofis** eSu / bré escrevi, etc. (JFO, 05, 10.07.1836)  
c. epor esta Com forme mandou o Provedor / lavra este termo, para atodo tempo Constar eeu / Escrivão Actual, ofis e Subri, es Crevi etc. (JFO, 06, 14.08.1836)  
d. epor esta Com forme mandou o Provedor / lavra este termo, para atodo tempo Constar eeu / Escrivão Actual, ofis e Subri, es Crevi etc. (JFO, 06, 14.08.1836)  
e. epor está Comforme man / dou o Provedor lavra este termo, para atodo tempo Cons / tar e eu *Escrivam ofes* é Sobre escrevi hera Supra / Jozé Fernandes do Ó (JFO, 09, 30.10.1836)

Dos oito casos de clíticos anafóricos, cinco são encontrados nas atas escritas pelo mesmo secretário, *José Fernandes do Ó*, e apresentam a mesma redação nos exemplos em (47 b-e). A estrutura é quebrada apenas em (47a), em que o clítico é um pronome resumptivo, que retoma o demonstrativo *este* topicalizado.

O verbo *fazer* também é usado por *Luís Teixeira Gomes* como causativo e pede uma sentença como complemento, totalizando 5 ocorrências desse uso em 15 atas escritas por esse secretário:

- (48) a. Como / Sracretario Manoel Victo Serra e Fis [Sor /berçerver] (LTG, 04, 29.03.1835)  
b. e Por estarmos conforme assi- / gnamos e eu subscrevi Luis Teixeira Gomes / como sacretario *que fiz* [Escrever] - (LTG, 10, 21.04.1833)

O verbo *sobrescrever* apresenta um comportamento peculiar; nas duas leituras, dêitica ou anafórica, o referente é retomado pelo ON, (cf. 49), exceto em uma ocorrência em que a retomada se dá pelo demonstrativo *esta* topicalizado (cf. 49 c):

- (49) a. epor estarmos conforme / eu subscrevi\_\_\_ e assignei (LTG, 06, 16.11.1832)  
b. epor esta Com forme mandou o Provedor / lavra **este termo**, para atodo tempo Constar eeu / Escrivão Actual, ofis e Subri, es Crevi \_\_\_; etc. (JFO, 06, 14.08.1836)  
c. epor estar Com forme / **Esta** Sobré Escrevi etc. (JFO, 01, 18.10.1835)

Das 33 ocorrências do verbo *assinar*, em 23, o verbo seleciona ON com referência dêitica (50a); quando a referência é anafórica, são duas as ocorrências de clítico (50b) e 8 as de ON (50c):

- (50) a. e por estar Conforme- / aSignemos \_\_\_ / (MSR, 05, 01.03.1834)  
b. epor esta / Com forme mandou lavra **este**; para Constar / e eeu Secretário o;aSignei - José Fernandes do Ó (JFO, 13, 27.11.1842)  
c. e para Constar mandou o Prezidente e mais / Membro da Junta *que este*; fizese e asig ase \_\_\_; / (MSR, 01. 23.02.1834)

O verbo *assinar* aparece ainda em construções em que não seleciona um argumento interno, embora exija a ocorrência um elemento parece exercer a função

de complemento. São construções em que o verbo aparece como pronominal (51a) ou como transitivo indireto (51b)

- (51) a. E *para* Cons tar o preñçipio des te trabalho, / mandou o Prizidente lançar es te termo / em *que nos* Assignamos. (GMB, 01, 14.11.1834)  
b. epor estarmos Conforme man / dou o socios Adimins tradores *que* sefizesse / estes Termo **em *que asig namoz*** Como Sacretário / *que* subscrevi (MSR,06, 07.01.1835)

De um modo geral, os dados mostram que estão em jogo, no *corpus*, apenas a realização nula e a clítica do objeto direto, com nítido predomínio da forma nula, como se discutirá na seção 2.4.4.

### 2.4.3. O COMPORTAMENTO DOS REDADORES

Embora as atas possuam um caráter formular, os redadores imprimiram nelas o seu estilo: uns preferem, no fechamento, uma retomada dêitica, outros uma retomada anafórica, outros ainda dão preferência a explorar as possibilidades dos verbos (transitivo direto, indireto, pronominal). Nesta subseção, trataremos apenas das possibilidades de retomada um referente no discurso ou na situação.

Os números da Tabela 11 mostram que, na escrita de *João Fernandes do Ó*, ocorrem 8 clíticos contra 15 casos de objeto nulo; já na escrita de *Luís Teixeira Gomes*, os clíticos ocorrem apenas duas vezes, contra 26 objetos nulos. *Manuel da Conceição* utiliza a forma nula duas vezes e não utiliza o clítico. *Manuel do Sacramento e Conceição Rosa* utiliza duas vezes a forma clítica e 15 vezes a nula. Por fim, *Manuel Vítor Serra* utiliza apenas a forma nula, num total de 10 vezes.

**Tabela 11: O comportamento dos redatores na retomada do objeto direto**

|       | Dêítica |    |            |    | Anafórica |    |            |    | Total |    |
|-------|---------|----|------------|----|-----------|----|------------|----|-------|----|
|       | Corpo   |    | Fechamento |    | Corpo     |    | Fechamento |    | CL    | ON |
|       | CL      | ON | CL         | ON | CL        | ON | CL         | ON |       |    |
| GMB   |         |    |            |    |           |    |            |    |       |    |
| JFO   |         |    |            | 2  |           | 3  | 8          | 10 | 8     | 15 |
| LTG   |         |    | 1          | 22 | 1         | 4  |            |    | 2     | 26 |
| MC    |         |    |            | 2  |           |    |            |    | -     | 2  |
| MSR   |         |    |            | 7  | 2         |    |            | 8  | 2     | 15 |
| MVS   |         |    |            | 8  |           | 2  |            |    | -     | 10 |
| Total |         |    | 1          | 41 | 3         | 9  | 8          | 18 | 12    | 68 |

#### 2.4.4. ANÁLISE: A GRAMÁTICA DO COMPLEMENTO DIRETO NAS ATAS

Inicialmente, é importante salientar que o gênero textual analisado não contribuiu para o uso de retomadas discursivas, o que acabou por favorecer as construções passivas e a retomada através da relativização.

Ainda assim, os dados levantados e analisados sobre a realização do objeto direto no *corpus* mostram que o ON foi a estratégia mais utilizada. Essa forma alcança a frequência de 69% no corpo das atas. No fechamento, ocorrem os mesmos 69% de ON quando se trata de contexto de correferência, mas há um aumento para 98% dos dados no contexto de referência dêítica. Não foram encontrados casos do pronome forte ELE exercendo essa função.

Esses resultados apontam para uma maior proximidade da gramática dos redatores das atas com a do PB contemporâneo do que com a do PE, uma vez que o ON é favorecido quando seu antecedente é referencial e possui o traço [+específico], o que não ocorre no PE. Como se pôde ver na seção 2.1., no PE rural, o clítico é a forma majoritária e o ON sofre restrições de referencialidade.

Por outro lado, a ausência do pronome ELE aponta para uma diferença em relação ao PB contemporâneo e fortalece a hipótese levantada por Figueiredo (2004) de que essa forma não se desenvolveu no PB com resultado direto do processo de transmissão lingüística irregular, mas apenas mais tardiamente. Em outras palavras, o ON parece ter se desenvolvido e se generalizado na fala brasileira antes do surgimento e implementação do pronome forte, sendo, provavelmente, a verdadeira estratégia crioulizante do PB.

### 3. COMPLEMENTOS INDIRETOS DATIVOS

O complemento dativo é, como visto anteriormente, o argumento verbal que ocorre em estruturas bitransitivas com o valor semântico de alvo/meta ou fonte de um movimento. Em português, o dativo é expresso, canonicamente, através de um sintagma nominal (DP) introduzido pela preposição *A* ou de um elemento clítico (no caso da terceira pessoa, em contexto de retomada referencial, pelo clítico dativo LHE/LHES), ao qual é associado, normalmente, mas não exclusivamente, o papel semântico [+humano].

Como se verá nas próximas subseções, as variedades européia, brasileira e africana (moçambicana) do português apresentam entre si diferenças na realização dos dativos, que dizem respeito (i) à possibilidade de redobro; (ii) à presença e ao tipo de preposição introdutora (iii) e à natureza do item pronominal utilizado em contexto anafórico (clítico, pronome nulo ou pronome forte).

#### 3.1. DATIVOS NO PORTUGUÊS EUROPEU

Torres Morais & Berlinck (2006; 2007) apontam que o complemento dativo é realizado, no PE, tipicamente sob a forma de sintagma nominal introduzido pela preposição *A*. A substituição pela preposição *PARA* é rara e sofre várias restrições, já que o uso de *PARA* está associado mais ao papel temático de beneficiário de uma ação do que ao de alvo de um movimento ou transferência.

Por exemplo, na versão (a) de (52), o PP em destaque, introduzido por *A*, é um argumento dativo, que apresenta uma interpretação ambígua entre expressar a origem ou o ponto final do movimento de compra. Já na versão (b), com a preposição *PARA*, não há ambigüidade e o sintagma em destaque é um adjunto adverbial que expressa o beneficiário da compra (TORRES MORAIS & BERLINCK, 2006, p. 76):

- (52) a. O Pedro comprou um carro **ao José**.  
b. O Pedro comprou um carro **para o José**.

Outra característica da realização dos dativos no PE é a possibilidade de redobro desse complemento através da forma clítica LHE, como mostram os exemplos abaixo. As autoras afirmam que o redobro através do clítico é obrigatório quando o sintagma dativo é introduzido pela preposição A, como mostram os exemplos (53a-b). Já quando introduzido por PARA, o redobro é impossível, como mostra (53c):

- (53) a. Dei-lhe o livro a ela.  
b. \* Dei o livro a ela.  
c. \* Dei-lhe o livro para ela.

A realização do dativo como um DP não introduzido por preposição, possível em outras línguas e em variedades do português, é agramatical no PE.

### 3.2. DATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

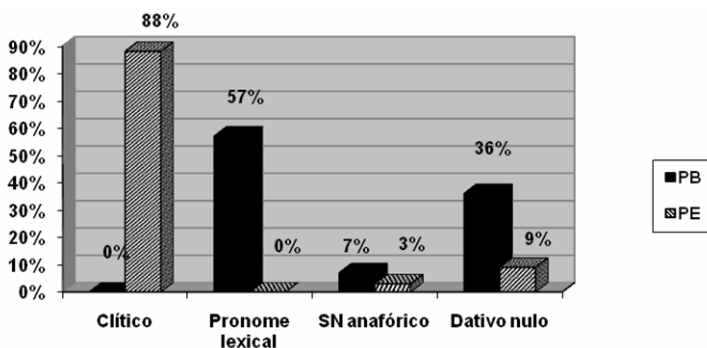
Os estudos sobre a realização dos complementos dativos na história do PB, como os de Torres Morais & Berlinck (2006, 2007), têm apontado para duas importantes mudanças:

- (i) a perda quase completa do pronome clítico de terceira pessoa LHE(s), substituído pela realização nula ou pelo pronome forte ELE(A) introduzido por preposição;
- (ii) variação entre a preposição A e PARA, com progressiva substituição da primeira pela segunda.

Os números do Gráfico 1, retirado de Freire (2000), exemplificam a primeira mudança: o pronome clítico é a variante majoritária no PE, com ocorrência superior a 80%, mas sua ocorrência é igual a zero no *corpus* do PB investigado pelo autor. Os números apresentados no Gráfico permitem a interpretação de que o clítico, como estratégia de retomada referencial, é substituído pela forma nula e pelo pronome forte ELE introduzido por preposição.



Gráfico 1: Realização dos dativos no PE e PB



Outros estudos empíricos apontam resultados semelhantes quanto à perda do clítico dativo no PB. Na fala de Florianópolis, Silveira (1999) encontrou apenas 2% de casos de clíticos dativos de 3ª pessoa; na fala de Curitiba, Berlinck (2001) encontrou apenas 1% de dados, enquanto, no Rio de Janeiro, Gomes (2003) não encontrou nenhuma ocorrência.

A segunda mudança, o processo de substituição da preposição A por PARA tem respaldo nos resultados de pesquisas diacrônicas. Berlinck (2001) registra 95% e 90% de uso da preposição A na primeira e na segunda metade do século XVIII, respectivamente. As ocorrências de PARA encontradas pela autora se encontram em complementos indiretos não-típicos, que não podem ser substituídos pelo clítico LHE.

Berlinck (2000) aponta resultados semelhantes para o século XIX, mas já com o delineamento de uma ligeira tendência de queda no uso de A: 93% e 83%, respectivamente, na primeira e na segunda metade do século. A Tabela 12, abaixo, resume essas informações:

Tabela 12: Preposição introdutora do dativo na diacronia do PB

| Período   | Frequência |
|-----------|------------|
| 1701-1750 | 95%        |
| 1751-1800 | 90%        |
| 1801-1850 | 93%        |
| 1851-1900 | 83%        |

No PB contemporâneo, os trabalhos de Salles & Scherre (2002) e de Berlinck (2001) registram 33% de uso de A em Fortaleza e apenas 6% no Rio de Janeiro, confirmando essa tendência.

Os resultados das pesquisas mostram, dessa forma, que esses dois processos de mudança, a perda do clítico dativo LHE e a substituição de A por PARA, estão em estágio avançado no PB. Essas duas mudanças têm como consequência lógica também a impossibilidade de redobro do clítico. Por outro lado, semelhantemente ao PE, a ausência da preposição em DPs dativos é rara no PB, sendo agramatical ou bastante marginal na maioria dos dialetos. Duas exceções documentadas são o dialeto da Zona da Mata de Minas Gerais e o de comunidades afro-brasileiras isoladas, como se verá nas próximas subseções.

### 3.2.1. DATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DA ZONA DA MATA

Além da mudança na preposição que introduz o dativo, outro fenômeno importante, embora mais localizado, é a não-realização da preposição. Um dos (poucos) dialetos brasileiros em que isso ocorre é o da Zona da Mata de Minas Gerais, como apontado por Scher (1996).

A ausência de preposição em dativos é um fenômeno comum (e muito estudado) em inglês. Os estudos sobre o tema mostram que não se trata apenas de um processo de omissão fonológica da preposição. As chamadas *construções de duplo objeto* (CDO) apresentam um comportamento peculiar. As características mais importantes são (i) a ocorrência obrigatória do dativo em adjacência ao verbo, como mostra (54) e (ii) a possibilidade de se passivar um dativo em inglês, como em (55), ao contrário de outras línguas que não exibem CDO:

- (54) a. I gave **Mary** a book.  
b. I gave a book \*(to) **Mary**.
- (55) **Mary** was given a book.

Essas propriedades mostram que as CDOs verdadeiras provavelmente envolvem algum tipo de licenciamento sintático diferenciado do caso do dativo, por

parte diretamente do verbo e não da proposição. Nesse sentido, Scher (1996) observa que o fenômeno de omissão da preposição no dialeto mineiro apresenta muitas diferenças em relação ao que ocorre em inglês. Os exemplos em (56-57) mostram que a omissão da preposição pode ocorrer independentemente da ordem interna ao VP (em adjacência ou não ao verbo) e que o dativo não pode ser passivizado:

- (56) a. Mostra o carrinho **os meninos!**  
b. Dá o recado **o seu irmão!**

(Scher, 1996: 39)

- (57) a. \***Os meninos** foram dados um livro.  
b. \***Pros/aos meninos** foram dados um livro.

(Scher, 1996: 28)

Scher (1996) defende, portanto, que não se trata de um fenômeno de licenciamento sintático, mas de um processo fonológico de apagamento da preposição, condicionado por fatores de natureza morfo-fonológica<sup>30</sup>.

### 3.2.2. DATIVOS NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

Lucchesi (2001) aponta como uma das características lingüísticas de comunidades afro-brasileiras isoladas, como Helvécia (BA), a perda da preposição que introduz os objetos indiretos. Segundo o autor, esse fenômeno, comum também em várias línguas crioulas, seria consequência direta de um forte processo de contato lingüístico.

O trabalho de Barros (2008) mostra que, em Helvécia, a variante não-preposicionada do dativo ocorre com uma frequência de 6%, quando considerados todos os casos de dativos (realizados como nulos, como sintagmas plenos ou clíticos). A forma predominante no *corpus* é a nula, como 72% dos dados, contra 13% de dativos preposicionados e 10% de clíticos. Dentre os clíticos, entretanto, os de 3ª pessoa estão totalmente ausentes do *corpus*, conforme o esperado. Todos os dados de clíticos se referem aos de 1ª e 2ª pessoas.

---

<sup>30</sup> Cavalcante (2009) fornece uma análise para esse fenômeno em termos sintáticos.

Por outro lado, considerando apenas a realização plena dos sintagmas (excluindo nulos e clíticos), os dados de omissão da preposição são bem mais significativos: alcançam cerca de 30%, como mostra a Tabela 13:

**Tabela 13: Dativo com e sem preposição em Helvécia (BA)**

|            | PP    | DP    |
|------------|-------|-------|
| Frequência | 70,3% | 29,7% |

Adaptado de Barros, 2008.

Os resultados de Barros sugerem que o fenômeno em Helvécia se diferencia do que ocorre no dialeto mineiro, se aproximando mais das características das CDOs, pois a perda da preposição é praticamente restrita à ordem [V OI (OD)], em que há adjacência entre o verbo e o dativo, embora independente da realização fonética do OD, como mostram os exemplos em (58). Infelizmente, não é possível testar a possibilidade de alçamento do dativo a sujeito, devido à baixa produtividade de construções passivas no dialeto.

- (58) a. ... deu **Luísa** iss'áí pá Luísa prantá.  
 b. Ele vendia **compade Jacó** porco gordo.  
 c. É... vinha dá **ele** recado certim.

A omissão também parece ser restrita aos verbos de transferência material (*dar, entregar*) ou verbal (*perguntar, dizer*), não ocorrendo com verbos de movimento físico (*levar, trazer*) ou abstrato (*ensinar, oferecer*). A baixa frequência de sintagmas dativos não introduzidos por preposição parece encontrar respaldo no trabalho de Assis (2008) sobre o comportamento dos verbos (não dativos) de movimento, em que a preposição A é pouco freqüente, mas ocorre substituição por PARA e EM, ao invés de simples omissão.

Barros aponta, porém, um processo de mudança em progresso na comunidade, com perda da forma não-preposicionada, que ocorria em 50% dos casos na faixa etária mais elevada, contra 26% na faixa intermediária e apenas 12% na faixa mais jovem.

Como relação à alternância entre as preposições A e PARA, os dados de Helvécia apontam para o mesmo quadro geral do PB, com predomínio de PARA, com frequência de 79%, e um perfil diageracional de mudança em progresso: a frequência de PARA sobe de 58% na faixa etária mais elevada, para 82% na intermediária e 91% na faixa mais jovem, o que mostra que essa forma é praticamente categórica nos falantes mais jovens do dialeto.

### 3.3. DATIVOS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

De acordo com Oliveira (2005), no português falado em Moçambique, ocorre freqüente omissão da preposição nos complementos indiretos em geral, inclusive dativos, quando estão em posição de adjacência ao verbo, como em (59). Além disso, os complementos dativos podem ser alçados para a posição de sujeito em construções passivas. As duas características apontam para um fenômeno semelhante às CDO do inglês:

- (59) a. Demonstrou \_\_ as outras mulheres o papel do destacamento feminino  
b. Os jovens são dados responsabilidades de família.

### 3.4. DATIVOS NA ESCRITA DE AFRICANOS ALFORRIADOS NO BRASIL

Nesta seção, descrevemos os dados de complementos dativos encontrados nas atas produzidas por ex-escravos africanos na Bahia do século XIX. Essa tarefa está alinhada ao objetivo mais geral de fornecer subsídios para uma descrição e, conseqüentemente, compreensão mais completa dos processos que contribuíram para a formação do português brasileiro. Em segundo lugar, de modo mais específico, essa descrição tem o propósito de comparar o comportamento dos dativos nesse *corpus* com o comportamento identificado nas variedades do português descritas acima.

Dessa forma, analisamos os seguintes aspectos na realização dos dativos: (i) realização lexical *versus* realização nula do dativo; (ii) presença *versus* ausência da

preposição introdutora do dativo; (iii) tipo da preposição utilizada; (iv) produtividade da forma clítica.

O fato de os autores desses textos não serem falantes nativos de português, tendo aprendido a língua em situação de contato lingüístico, faz com que a hipótese *default* seja a de que o *corpus* apresente um desvio em relação ao padrão do PE, aproximando-se do padrão do PB e/ou do português africano: espera-se um uso reduzido ou nulo do clítico LHE e uma competição entre PARA e A, com possível predomínio da primeira preposição. De acordo com a hipótese de Lucchesi (1999), de que a forma não-preposicionada documentada em Helvécia é resultado de contato lingüístico, é de se esperar também a ocorrência significativa de dados em que haja omissão da preposição. Importante também seria verificar a existência ou não de dativos promovidos à posição de sujeito em construções passivas.

### 3.4.1. DATIVOS NULOS

Inicialmente, é preciso salientar a baixa produtividade de complementos dativos no *corpus* examinado, dado o caráter dos textos (vide seção 2.4). Nas cinquenta e três atas examinadas, ocorrem apenas vinte e três casos de complementos dativos. A Tabela 14 apresenta os números gerais.

**Tabela 14: Distribuição das formas dativas nas atas**

|                         | Ocorrências | Freqüência |
|-------------------------|-------------|------------|
| Pronome nulo            | 9           | 39%        |
| PP introduzido por A    | 9           | 39%        |
| PP introduzido por PARA | 1           | 4,4%       |
| PP introduzido por DE   | 2           | 8,8%       |
| DP sem preposição       | 1           | 4,4%       |
| Clítico                 | 1           | 4,4%       |
| Total                   | 23          | 100%       |

A maior quantidade dos dados corresponde ao pronome nulo e à forma preposicionada introduzida por A, cada um com nove ocorrências, o que equivale a 39% de freqüência. Quanto aos casos do pronome nulo, todos ocorrem em contextos

não-anafóricos, devido à existência de poucos contextos de retomada referencial, o que se deve ao fato de as atas serem curtas. Como se pode ver nos exemplos abaixo, o dativo tende a ser interpretado contextualmente, se referindo à mesa reunida, aos presentes nas reuniões ou aos membros da irmandade como um todo:

- (60) a. ... prestimo damesma devoção ejuntamente na 1ª. Reuniação **apresentar** Ø qual quer hum Irmão a Sua Instrução ou tabella deRejime para por elles... (JF,02, 01.11.1835)
- b. ... eficou adiado para a1ª. Reuniação o Secretario **apresentar** Ø hum Termo, Sobré os Irmãos que não tem pago os seus Mensais. (JF,03,17.04.1836)
- c. ... perante esta comparecerão os Deffinidor emais mezários reu- nido **epropos** Ø o Juiz que sedevia Organizar hu a Loteria de mil Belhetes empresso a 32o cada hum... (LTG,11,04.08.1833)
- d. O Presidente da Junta de Liberou o seguinte- em Concideração do que **serepresentou** Ø Contra o- Irmão Ex Escrivam Luiz Teixeira Gomes... (MSR,01,23.02.1834)
- e. Aos Vinte diás domez de Julho em- Reuniãõ em assa dos Devotoz de Nossa Senhora do [?] Solidade dos Des validos **foi oferecido** Ø pello Escrivam a tual da meza Manuel Victor Serra hu progetto oqual será inda des Coti- do... (MSR,03,23.06.1834)
- f. hu progetto oqual será inda des Coti- do quando elle aprezen tar a Ca da hu dos Irmão folhe tos enpreço que Contenhaõ os Artigo e §§ que **ofereceu** Ø em firmeza de que e foi sencionado eVotado e foi aprovado... (MSR,03,23.06.1834)
- g. ... fasa sciente a Vossa Senhoria que nodia 25 do prezente Janeiro do Corrente anno se ade **a- pr ezentar** Ø as émendas dos novos Estatu tos... (MSR,07,15.01.1835)
- h. de Claro que as nossa - Irmãs poderaõ **apresentar** Ø se no dia da Festa Com sua fita Rocha dórada (MSR,12,02.08.1835)
- i. ... ejuntamente fica na Responcabilidade quanto antes- O 2º. Fiscal o Irmão Gregorio Manuel Bahia de **apresentar** Ø o novo Cofre... (MSR,15,11.10.1835)

É possível imaginar que a frequência de nulos seria ainda maior, se houvesse contextos que favorecessem o uso anafórico. Ainda assim, esse resultado aponta uma aproximação com relação ao comportamento do português brasileiro atual, em que a forma nula do dativo é bastante produtiva, em detrimento da forma clítica. Retornamos a isso ao comentar sobre a realização do dativo com clítico, no *corpus*.

### 3.4.2. DATIVOS PREPOSICIONADOS E NÃO-PREPOSICIONADOS

Como mostram os números da Tabela 14, ocorreram no *corpus* doze casos de dativos preposicionados. A grande maioria deles, no entanto, corresponde à forma introduzida pela preposição A, que ocorre nove vezes:

- (61)
- a. ... fica o Secretario participado aes Crever **atodo qual quer hum Irmão** que Seacha atrazado... (JF,02,01.11.1835)
  - b. ... ficou em Se comonicar por huma Carta **ao Nossó Irmão** dito adeliberação da Meza
  - c. deu-se todos poderes **ao Nosso Irmaõ Consultor Manoel da Conceicam...** (JF,13,27.11.1842)
  - d. ... **qualquer** Irmaõ **que** estando em Meza fica responsabelizado **por qualquer** abuzo por dizer oque sepassou na Meza **aoutro seu Amigo, parente, Irmaõ, ou Mulher, May, Pay, [ou]filho** (LTG,07,16.11.1832)
  - e. Em vertude da Meza do dia 24 de Março do prezente anno communico **aVossas Merces** para vir des cutir o nosso Compromisso em algum dos **Capítulo...** (LTG,09,?.?.1833)
  - f. Fica **para** Meza do dia 11 do **Corrente** as 7 ho- ras da manha adar-se **comprimento ao dinheiro** para o novo Coffre... (LTG,15,08.11.1835)
  - g. **quando** elle aprezen tar **a Ca da hu dos Irmão** folhe tos enpreço **que** Contenhaõ os Artigo e §§ **que** Contenhaõ os Artigo e §§ **que** ofereceu em firmeza... (MSR,03,23.06.1834)
  - h. ... etanbem Escrever **aos quatros Irmãos** **que** estaõ pre enxido em seu men saes... (MSR,15,11.10.1835)
  - i. o outro sim juntamente pedir-se **a Irmandade do Rozário** onde estamos... (MSR,12,02.08.1835)

É interessante observar que, em quase todos os exemplos, a preposição A é escrita presa à palavra seguinte, do sintagma que introduz, como TODO em (a), OUTRO em (d) e VOSSAS em (e). Isso poderia ser consequência da generalização da regra da escrita que coloca juntos preposição e artigo masculino ou de uma reinterpretação de A como um prefixo.

O exemplo em (i), por outro lado, é ambíguo entre a presença ou ausência da preposição, em função da possibilidade de crase com o artigo A. Esse é um exemplo



que, na maioria dos estudos sobre o tema, não é considerado, não entrando na contagem da realização da preposição, justamente por seu caráter ambíguo.

A preposição PARA aparece apenas uma vez no *corpus*, num contexto de dativo não típico, com um papel temático mais associado a beneficiário do que a alvo ou meta. Além disso, também é importante notar que esse único exemplo ocorre com um verbo que não é bitransitivo, diferentemente dos demais dados levantados. Esse resultado contraria a expectativa inicial, que previa uma competição mais intensa entre as duas preposições, com favorecimento de PARA, por ser uma forma fonologicamente mais saliente:

(62) fica multado aqual quer Mezários quefalte assistencia de Meza Mensaes pagaraõ de cada falta *servindo esse dinheiro para os mulimentos eu tencilios para devocaõ social.*  
(LTG,08,02.02.1833)

Há dois modos de interpretação desses dados. O primeiro aponta para a possibilidade de o processo de substituição de A por PARA não ser significativo na fala dos autores dos textos e da irmandade em geral. A segunda possibilidade é a de que a concorrência entre as duas formas fosse sim produtiva, mas que o uso de PARA fosse preterido pelos autores no processo de escrita, em favor da forma A.

A primeira hipótese é favorecida pelos dados diacrônicos de Berlinck (2001), que apontam que apenas no século XIX é que se começa a notar nos *corpus* um declínio de uso de A e aumento de PARA. Ainda assim, esse não é um argumento forte o suficiente, uma vez que a expectativa é que a aquisição irregular da língua por parte dos autores africanos conduza a um maior favorecimento de PARA, fonologicamente mais saliente. Ou seja, a hipótese prevê justamente que o incremento de PARA registrado no português brasileiro tenha se iniciado entre os falantes mais fortemente influenciados pelo contato lingüístico. De qualquer maneira, os dados não permitem concluir que o uso da preposição pelos autores seja distinto do uso documentado em outros *corpora* do PB do mesmo período, o que parece apontar para o fato de que os autores puderam adquirir a preposição A, se não para o uso vernacular, ao menos no uso estilístico.

Existe apenas um único caso de dativo com a preposição omissa, na expressão *dar cumprimento Ø o(s) projetos*, que aparece em (63). Porém, como se pode notar, o elemento em jogo é ambíguo entre funcionar como complemento do verbo *dar* ou do nome *cumprimento*. O dado é discutido aqui por a expressão *dar cumprimento* funcionar como uma lexia, um tipo de verbo complexo (=cumprir), do qual podemos considerar *o(s) projetos* um argumento:

(63) em uertude de dar Compimento **o pogetos** oferecidos a deuocaõ... (MC,01,21.10.1834)

O exemplo é de *Manuel da Conceição* e é o único dado de dativo encontrado em sua escrita, o que nos impossibilita verificar se se trata de um exemplo isolado na escrita desse redator ou de um comportamento consistente. A excepcionalidade desse único dado, portanto, não nos autoriza a considerar que a omissão da preposição fosse produtiva entre os autores das atas, muito menos em construções dativas mais típicas. Além disso, não foram documentados no *corpus* casos de argumentos dativos promovidos à posição de sujeito em sentenças passivas, algo que está relacionado à possibilidade de omissão da preposição.

### 3.4.3. CLÍTICOS DATIVOS

Com relação aos *clíticos*, o *corpus* apresenta um comportamento distinto do PE, aproximando-se do PB contemporâneo, bem como das variedades afro-brasileira e moçambicana, que perderam o pronome clítico em favor da forma nula. O clítico LHE com a função de dativo de terceira pessoa está totalmente ausente no *corpus*. O único caso de clítico dativo documentado é o da primeira pessoa ME, apresentado em (64):

(64) A meza da Devocaõ de *Nossa Senhora* daSoledade dos Desvalidos Ereta na Capela de *Nossa Senhora* do Rozário dos Mistério **me** ordena fasa sciente a *Vossa Senhoria* que nodia do prezente Janeiro do Corrente anno... (MSR,07,15.01.1835)

### 3.4.4. VERBOS DATIVOS UTILIZADOS NO CORPUS

Nos dados levantados, ocorreram doze verbos diferentes, a maioria deles possuindo semântica de transferência material (*dar, receber*) ou verbal (*apresentar, comunicar, dizer*). A Tabela 15 abaixo apresenta a listagem dos verbos utilizados no contexto de complementos dativos. Como se pode ver, o verbo mais freqüente nos dados é *apresentar*, que ocorre seis vezes, cinco com dativo nulo e uma com um PP introduzido por A. O segundo verbo mais utilizado é *dar*, que ocorre quatro vezes, duas com a preposição A, uma com DE e outra vez sem a preposição.

**Tabela 15: Distribuição dos dativos pelos tipos de verbos**

|             | Ocorrências | Uso                           |
|-------------|-------------|-------------------------------|
| Apresentar  | 6           | Pron. nulo (5); A (1)         |
| Dar         | 4           | A (2); DE (1); Prep. nula (1) |
| Escrever    | 2           | A (2)                         |
| Comunicar   | 2           | A (2)                         |
| Oferecer    | 2           | Pron. nulo (2)                |
| Dizer       | 1           | A (1)                         |
| Pedir       | 1           | A (1)                         |
| Receber     | 1           | DE (1)                        |
| Representar | 1           | Pron. nulo (1)                |
| Servir      | 1           | PARA (1)                      |
| Propor      | 1           | Pron. nulo (1)                |
| Ordenar     | 1           | Clítico (1)                   |

Em terceiro lugar, aparecem os verbos *escrever, comunicar e oferecer*, cada um com duas ocorrências. Os dois primeiros só ocorreram com A; o último, apenas com o nulo. Por fim, *dizer e pedir*, com uma ocorrência cada, com a preposição A; *receber*, uma vez com DE; *representar* (=apresentar), uma vez com nulo; *servir*, uma vez com PARA; *propor*, uma vez com nulo; e *ordenar*, uma vez com um clítico de primeira pessoa.

### 3.4.5. COMPORTAMENTO DOS REDATORES

Os dados de dativos documentados no *corpus* se concentram na escrita de quatro dos seis redatores das atas. *José Fernandes do Ó* produziu sete exemplos, sendo dois de dativos nulos, três introduzidos pela preposição A e dois por DE. *Luís Teixeira Gomes* produziu cinco exemplos, um nulo, três com a preposição A e um com PARA. *Manuel da Conceição* utilizou apenas um exemplo de dativo, sendo este o único caso de (possível) omissão da preposição. Já *Manuel do Sacramento e Conceição Rosa* produziu um total de dez exemplos, sendo seis de dativo nulo, três introduzidos por A, um caso de clítico.

(65) **José Fernandes do Ó**

#### Dativos nulos

- a. ... prestimo damesma devoção ejuntamente na 1<sup>a</sup>. Reuniaõ **aprezenstar Ø** qual *quer* hum Irmão a Sua Instrução ou tabella deRejime *para* por elles... (JF,02, 01.11.1835)
- b. ... eficou adiado para a1<sup>a</sup>. Reuniaõ o Secretario **aprezenstar Ø** hum Termo, Sobré os Irmãos que não tem pago os seus Mensais. (JF,03,17.04.1836)

#### Introduzidos por A

- c. ... fica o Secretario participado aes Crever **atodo qual quer hum Irmão que** Seacha atrazado... (JF,02,01.11.1835)
- d. ... ficou em Se comonicar por huma Carta **ao Nossó Irmão** dito adeliberação da Meza
- e. deu-se todos poderes **ao Nosso Irmaõ Consultor Manoel da Conceicam...** (JF,13,27.11.1842)

#### Introduzidos por DE

- f. recebemos Possé **dos; Beins e Dependencia daMesma Devoção** (JF, 01,18.10.1835)
- g. dé Comprimento **da** aCompra dehum Cinete epapel, **para** prestimo damesma devoção (JF,02,01.11.1835)

(66) **Luís Teixeira Gomes**

**Dativo nulo**

a. ... perante esta comparecerão os *Deffinidor* emais *mezários* reu- nido **epropos Ø** o Juiz que sedevia Organizar hu a Loteria de mil Belhetes empresso a 32o cada hum... (LTG,11,04.08.1833)

**Introduzidos por A**

b. ... *qualquer* *Irmaõ* *que* estando em Meza fica responsabelizado por *qualquer* abuzo por dizer oque sepassou na Meza **aoutro seu Amigo, parente, Irmaõ, ou Mulher, May, Pay, [ou]filho** (LTG,07,16.11.1832)

c. Em vertude da Meza do dia 24 de Março do prezente anno commonico **aVossas Merces** para vir des cutir o nosso Compromisso em algum dos *Capítulo*... (LTG,09,?.?.1833)

d. Fica *para* Meza do dia 11 do *Corrente* as 7 ho- ras da manha adar-se comprimento **ao dinheiro** *para* o novo *Coffre*... (LTG,15,08.11.1835)

**Introduzido por PARA**

e. fica multado aqual quer *Mezários* quefalte assistencia de Meza Mensaes pagaraõ de cada falta *servindo esse dinheiro* **para os mulimentos** *eu tencilios para devocaõ social*. (LTG,08,02.02.1833)

(67) **Manuel Conceição**

**Sem preposição**

em uertude de dar Compimento **o pogetos** oferecidos a deuocaõ... (MC,01,21.10.1834)

(68) **Manuel do Sacramento e Conceição Rosa**

**Dativos nulos**

a. O *Prezidente* da Junta de Liberou o *seguinte*- em Concideraçãõ do *que* **sereprezentou Ø** *Contra* o- *Irmaõ* *Ex* *Escrivam* Luiz Teixeira Gomes... (MSR,01,23.02.1834)

b. Aos Vinte diãs domez de Julho em- Reuniãõ ém assa dos Devotoz de *Nossa Senhora* do [?] *Solidade* dos Des validos **foi oferecido Ø** pello *Escrivam* a tual da meza Manuel Victor Serra hu *progetto* *oqual* será inda des *Coti-* do... (MSR,03,23.06.1834)

c. hu progetto oqual será inda des Coti- do *quando* elle aprezen tar a Ca da hu dos Irmão folhe tos enpreço *que* Contenhaõ os Artigo e §§ *que ofereceu* Ø em firmeza de *que* e foi sencionado eVotado e foi aprovado... (MSR,03,23.06.1834)

d. ... fasa sciente a *Vossa Senhoria* *que* nodia 25 do prezente Janeiro do Corrente anno se ade a- **pr ezentar** Ø as émendas dos novos Estatu tos... (MSR,07,15.01.1835)

e. de Claro *que* as nossa - Irmãs poderaõ **aprezentar** Ø se no dia da Festa Com sua fita Rocha dórada (MSR,12,02.08.1835)

f. ... e juntamente fica na Responcabilidade *quanto* antes- O 2º. Fiscal o Irmão Gregorio Manuel Bahia de **aprezentar** Ø o novo Cofre... (MSR,15,11.10.1835)

#### **Introduzidos por A**

g. *quando* elle aprezen tar a Ca da hu dos Irmão folhe tos enpreço *que* Contenhaõ os Artigo e §§ *que* Contenhaõ os Artigo e §§ *que* ofereceu em firmeza... (MSR,03,23.06.1834)

h. ... etanbem Escrever **aos quatros Irmãos** *que* estaõ pre enxido em seu men saes... (MSR,15,11.10.1835)

i. o outro sim juntamente pedir-se a **Irmadade do Rozário** onde estamos... (MSR,12,02.08.1835)

#### **Clítico**

j. A meza da Devocaõ de *Nossa Senhora* da Soledade dos Desvalidos Ereta na Capela de *Nossa Senhora* do Rozário dos Mistério **me** ordena fasa sciente a *Vossa Senhoria* *que* nodia do prezente Janeiro do Corrente anno... (MSR,07,15.01.1835)

### **3.4.6. ANÁLISE: A GRAMÁTICA DO COMPLEMENTO DATIVO NAS ATAS**

Os dados levantados no *corpus* apontam para características que diferenciam o português dos redatores das atas do PE, aproximando-o do PB. As diferenças fundamentais que confirmam tal afirmação dizem respeito à inexistência de pronomes clíticos dativos de terceira pessoa, associada à produtividade da forma nula dos dativos, duas mudanças inter-relacionadas que caracterizam a realização dos dativos no PB, em oposição ao PE.

O uso praticamente categórico da preposição A para introduzir os dativos com interpretação de alvo ou meta, entretanto, aponta para uma diferença entre o português das atas e o PB contemporâneo, embora se conforme com os resultados

das pesquisas diacrônicas que revelam o incremento do uso da preposição PARA nesse contexto apenas a partir do século XIX.

Esse resultado, contudo, desautoriza uma interpretação de que a substituição da preposição A por PARA no PB tenha sido decorrência direta do processo de contato lingüístico e de transmissão lingüística irregular, que favoreceriam formas fonologicamente mais salientes, ou seja, que tenha começado entre os falantes não-nativos ou seus descendentes, tendo-se espalhado gradualmente pelo PB. Embora a perda do clítico e o incremento da forma nula possam estar associados ao processo de aquisição imperfeita do português, o mesmo não é possível afirmar para a perda da preposição A, que, com base nas atas examinadas, parece ter sido adquirida plenamente pelos africanos.

Essa interpretação recebe apoio da pesquisa com dados de fala da comunidade de Helvécia (BA), no final do século XX. Os resultados encontrados por Barros (2008) indicam uma freqüência de ainda cerca de 50% nas faixas etárias mais elevadas, com redução progressiva nas faixas intermediária e mais jovem, sugerindo que, mesmo nessa comunidade, o processo de substituição de A é recente, não estando presente desde a origem da comunidade e da aquisição do português pelos escravos que a formaram.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Telma Souza Bispo. (2008). A atuação das variáveis lingüísticas na regência dos verbos de movimento do português afro-brasileiro. Comunicação apresentada no *V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, São Paulo, 12-14 de novembro.
- BAPTISTE, Marlyse. (1997). *The morpho-syntax of nominal and verbal categories in Capeverdean Creole*. Tese de Doutorado. UMI Dissertation Services, Massachusetts.
- BARROS, Ísis. (2008). *A variação nas construções dativas no dialeto de Helvécia (BA)*. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIME, Lauro de Freitas.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. (2001). Dativo ou locativo? Sobre sentidos e formas do dativo no português. *Revista letras*, Curitiba, n. 56. p. 159-175.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. (2000). A expressão do complemento dativo anafórico no português brasileiro: o papel de um fator discursivo. *Estudos lingüísticos*, v. 29, p. 357-362.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. (1972). *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

CAVALCANTE, Rerisson. (2005). O objeto direto anafórico em textos da web. In: *Revista Inventário*. 4. ed., jul/2005. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04rcavalcante.htm>. Acesso em: 01 de janeiro de 2009.

CAVALCANTE, Rerisson. (2009). Complementos dativos sem preposição no dialeto mineiro. *ReVEL*, v. 7, n. 12. [www.revel.inf.br]. Acesso em 02 março de 2009.

CYRINO, Sônia Maria Lazarinni. (2001). O objeto nulo no português do Brasil e no português de Portugal. *Boletim da ABRALIN*, Fortaleza, n. 25, p. 173-181.

CYRINO, Sônia Maria Lazarinni. (1997). *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1986). *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

FIGUEIREDO, Cristina. (2006). O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro, *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, n. 33/34.

FIGUEIREDO, Cristina. (em realização). *O objeto nulo no dialeto rural do estado da Bahia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GALVES, Charlotte. (2001). O objeto nulo e as estruturas da sentença em português brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 73-92.

GALVES, Charlotte. (1986). A interpretação "reflexiva" do pronome no português brasileiro. *DELTA*. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 249-264.

GALVES, Charlotte. (1989). L'objet nul et la structure de la proposition en portugais du Brésil. *Revue des langues romanes*, França, v. 93-2, p. 305-336.

GALVES, Charlotte. (2000). Agreement, predication and pronouns in the history of Portuguese. In: COSTA, João. (Org.). *Portuguese syntax: new comparative studies*. Oxford: Oxford University Press. p. 143-168.

GOMES, Christina Abreu. (2003). Embedded process in dative alternation: a comparative study about three contemporary varieties of Portuguese. NWAV(E) 28. Toronto, Canadá. mimeo.

KATO, Mary A.; RAPOSO, Eduardo. (2005). Obje(c)tos e artigos nulos: similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. In: MOURA, Maria Denilda; FARIAS, Jair. (Orgs.). *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: UFAL. p. 73-96.

LARSON, Richard K. (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, n. 19, p. 335-391.

LUCCHESI, Dante. (2001). A questão da formação do português popular do Brasil: um estudo de caso. *A cor das letras*, Feira de Santana, n. 3 (edição especial), p. 73-100.



NUNES, Jairo. (1993). Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 207-222.

OLIVEIRA, Marilza de. (2005). A preposição "a" no Português Moçambicano. Comunicação apresentada no 53º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, UFSCar, São Carlos.

RAPOSO, Eduardo. (1986). On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O; SILVA-CORVALAN, C. (Orgs.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht/Riverton: Foris.

RAPOSO, Eduardo. (2004). Objectos nulos e CLLD: uma teoria unificada. *Revista da ABRALIN*, Maceió, v. 3, p. 41-73.

SALLES, Heloísa; SCHERRE, Maria Marta. (2002). Indirect objects in ditransitive constructions in Brazilian Portuguese. In: NÚÑEZ-CEDENO, R.; LÓPEZ, Luis; CAMERON, Richard. (Orgs.). *A Romance Perspective on Language Knowledge and Use*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 151-165.

SCHER, Ana Paula. (1996). *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVEIRA, Gilson Costa. (1999). A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis. Trabalho apresentado para exame de qualificação em Sociolingüística, Curso de Doutorado em Letras / Lingüística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; BERLICK, Rosane de Andrade. (2007). "Eu disse pra ele" ou "disse-lhe a ele": a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth E. Vasconcellos; CYRINO, Sônia Maria Lazarinni. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Pontes/FAPESP. p. 61-74.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; BERLICK, Rosane de Andrade (2006). A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI: *Novos dados, novas análises*, t. I. Salvador: EDUFBA. p. 73-105.